



**UFOP**

**Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP  
Escola de Direito Turismo e Museologia – EDTM  
Departamento de Turismo – DETUR**

**Ana Alice Marinho Eller**

**AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE  
PATRIMÔNIO DE OURO PRETO (MG): paradoxos da hospitalidade para o  
exercício da cidadania**

**Ouro Preto – MG  
2021**

**Ana Alice Marinho Eller**

**AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE-  
PATRIMÔNIO DE OURO PRETO (MG): paradoxos da hospitalidade para o  
exercício da cidadania**

Monografia apresentada como requisito parcial para a  
obtenção de título de Bacharel em Turismo pelo  
Departamento de Turismo – UFOP.

Orientador: Prof. Dr. Leandro B Brusadin

**Ouro Preto – MG  
2021**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

E39r Eler, Ana Alice Marinho .  
As relações de identidade e alteridade na construção da cidade-  
patrimônio de Ouro Preto (MG) [manuscrito]: paradoxos da hospitalidade  
para o exercício da cidadania . / Ana Alice Marinho Eler. - 2021.  
56 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola  
de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Ouro Preto (MG). 2. Turismo. 3. Turismo - Alteridade. 4. Identidade  
social. I. Brusadin, Leandro Benedini. II. Universidade Federal de Ouro  
Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Alice Marinho Eller

**AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE-PATRIMÔNIO DE OURO PRETO (MG): a hospitalidade para o exercício da cidadania**

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em de 27 de Agosto de 2021

Membros da banca

Doutor - Leandro Benedini Brusadin - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Kerley dos Santos Alves - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Lia Sipaúba Proença Brusadin - Universidade Federal de Ouro Preto

Leandro Benedini Brusadin, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/08/2021



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Benedini Brusadin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/09/2021, às 20:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0219233** e o código CRC **5818249D**.

Dedico esta monografia a minha família. Obrigado por acreditarem em mim!  
Amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de dizer que é uma grande felicidade poder estar escrevendo isto, pois sei que estou a completar mais um ciclo especial em minha vida, num momento tão atípico que se faz a pandemia neste ano de 2021. Gostaria de agradecer a Deus por ter me abençoado tanto nesta trajetória de 6 anos, sem Ele, não seria possível.

Pessoas especiais que me acompanharam neste momento de luta e me apoiaram tanto para que este dia chegasse, Pai, mãe Karina, mãe Viviane e meus avós Valta e Ildeu, obrigado imensamente por serem meus pilares. A minha amiga de longa caminhada Bianca, obrigado por ser uma grande irmã, estar comigo sempre e nunca ter me deixado! Aos amigos de Ouro Preto, lembrarei de cada um de vocês com muito carinho. Ao Gu e Marina que fizeram com que esta jornada acadêmica fosse mais leve e cheia de amor. As repúblicas amigas, obrigado pela família que ganhei vocês me ensinaram o partilhar.

Agradeço meu orientador Leandro, que fez com que a elaboração deste trabalho se tornasse mais leve. Agradeço ao DETUR, por ter sido minha casa durante esses anos, onde eu pude descobrir a pessoa que sou hoje, e a profissional que quero ser, as lágrimas em cada período não foram em vão. A UFOP, por ser essa grande casa!

É uma imensa honra ter tido a oportunidade de viver durante 6 anos na cidade do nunca, uma cidade mágica, onde vou levar pra sempre no coração todas as experiências, os aprendizados e os dias de luta. Ouro Preto se tornou meu lar!

“E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens.”(Colossenses 3:23)

## **RESUMO**

O presente estudo tem como abordagem temática a construção da imagem da cidade de Ouro Preto – MG como cidade colonial barroca e estudantil. O objetivo foi refletir do ponto de vista da relevância histórica e do crivo do turismo a construção da imagem da cidade de Ouro Preto – MG como cidade colonial barroca e estudantil, bem como seu impacto no sentimento de pertencimento da comunidade. Além disso, buscou-se discutir a questão sobre identidade, pertencimento e alteridade e os desafios para uma cidade mais hospitaleira; abordar as identidades da cidade de ouro preto: paradoxos entre o pertencer e as alteridades do tempo e do espaço e apontar a discussão do território e exclusão em Ouro Preto tendo como base o caso do Bairro Padre Faria. A metodologia aplicada refere-se à exploração bibliográfica para a construção de corpo de informações no decorrer da escrita deste estudo, e como de pesquisa de campo para a construção de coleta de dados e informações, foi utilizada entrevista por meio digital para se chegar aos resultados finais e análise e caso. Como resultado, foi estabelecida a falta de identidade e pertencimento da comunidade em relação ao núcleo histórico da cidade, tal que, uma sociedade que não se identifica com seu próprio ambiente, tem a necessidade de implementações de atividades para a estimulação de suas raízes. Dessa forma, é de extrema importância dar voz a esta comunidade, na qual fazem parte da construção histórica da cidade de Ouro Preto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ouro Preto. Turismo. Alteridade. Identidades.

## **ABSTRACT**

The present study has as its thematic approach the construction of the image of the city of Ouro Preto – MG as a colonial baroque and student city. The objective was to reflect, from the point of view of historical relevance and the sieve of tourism, the construction of the image of the city of Ouro Preto – MG as a colonial baroque and student city, as well as its impact on the community's sense of belonging. In addition, we sought to discuss the issue of identity, belonging and otherness and the challenges for a more hospitable city; address the identities of the city of ouro preto: paradoxes between belonging and the alterities of time and space and point out the discussion of territory and exclusion in Ouro Preto based on the case of Bairro Padre Faria. The methodology applied refers to the bibliographical exploration for the construction of a body of information during the writing of this study, and as a field research for the construction of data and information collection, interviews were used by digital means to arrive at the results finals and analysis and case. As a result, the lack of identity and belonging of the community in relation to the historic core of the citizen was established, such that a society that does not identify with its own environment has the need to implement activities to stimulate its roots. Therefore, it is extremely important to give a voice to this community, in which they are part of the historic construction of the city of Ouro Preto.

**KEYWORDS:** Ouro Preto. Tourism. Otherness. Identities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Bairro Padre Faria antigo .....	36
FIGURA 2 - Escola de Samba Unidos do Padre Faria.....	39
FIGURA 3 - Bairro Padre Faria atual .....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
------------------------	-----------

<b>I CAPÍTULO – 1 IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E ALTERIDADE: DESAFIOS PARA UMA CIDADE MAIS HOSPITALEIRA .....</b>	<b>13</b>
--	-----------

1.1 Os conceitos de identidade e pertencimento na pós modernidade.....	13
--	----

1.2 Afetividade e hospitalidade e como condição de exercício de cidadania plena na cidade .....	17
---	----

<b>II CAPÍTULO 2 – AS IDENTIDADES DA CIDADE DE OURO PRETO: PARADOXOS ENTRE O PERTENCER E AS ALTERIDADES DO TEMPO E DO ESPAÇO .....</b>	<b>20</b>
--	-----------

2.1 Ouro Preto Colonial: Contextualização Histórica da cidade.....	20
--	----

2.2 Ouro Preto Estudantil: Contextualização Social na cidade .....	26
--	----

<b>III CAPÍTULO 3 – TERRITÓRIO E EXCLUSÃO EM OURO PRETO: O CASO DO BAIRRO PADRE FARIA .....</b>	<b>32</b>
---	-----------

3.1 A noção de centro histórico, território e paisagem. – Segregação sócio espacial na cidade histórica de Ouro Preto.....	32
--	----

3.2 A Ouro Preto que não está no retrato .....	34
--	----

3.3 Cotidiano e memórias: estudo de caso do bairro Padre Faria .....	37
--	----

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
----------------------------------	-----------

<b>ANEXO .....</b>	<b>49</b>
--------------------	-----------

<b>APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>
----------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como abordagem temática a construção da imagem da cidade de Ouro Preto – MG como cidade colonial barroca e estudantil, bem como seu impacto no sentimento de pertencimento e alteridade da comunidade, tendo como discussão a relevância do patrimônio histórico, identidade e memória, como elementos essenciais na construção da cidadania. O turismo, principal atividade das cidades históricas como Ouro Preto – MG tem forte impacto sobre as relações que se estabelecem na comunidade local, por isso, os estudantes ao residirem durante um considerável período de tempo na cidade, passam pelo processo identitário e de pertencimento, mesmo que temporário na sociedade ouropretana.

O problema de pesquisa situa-se na seguinte questão: como se estabelece a construção da cidade ouropretana como cidade barroca e estudantil diante dos vínculos de pertencimento, identidade e alteridade da comunidade local? O recorte espacial delimita-se no bairro Padre Faria que, hipoteticamente, se encontra desconexo com o restante do núcleo histórico resultando na falta de pertencimento e identidade para com a cidade, levando a perda identitária da comunidade, onde suas raízes e historicidade ficam veladas em relação aos demais contextos históricos e turísticos de Ouro Preto.

A hipótese norteadora aponta para uma (re)construção de processos que envolvem identidade, pertencimento e alteridade devido ao enraizamento de atividades e da vida cotidiana em espaços distintos. Isso dificulta o enraizamento de memórias dos moradores de bairros periféricos, sendo esta a principal razão da dificuldade de constituição do sentimento de pertencimento dos moradores com relação ao centro histórico colonial de Ouro Preto. O objetivo geral foi refletir do ponto de vista da relevância histórica e do crivo do turismo a construção da imagem da cidade de Ouro Preto – MG como cidade colonial barroca e estudantil, bem como seu impacto no sentimento de pertencimento da comunidade. Como objetivos específicos situar o seguinte: discutir sobre identidade, pertencimento e alteridade e os desafios para uma cidade mais hospitaleira; abordar as identidades da cidade de ouro preto: paradoxos entre o pertencer e as alteridades do tempo e do espaço e apontar a

discussão do território e exclusão em Ouro Preto tendo como base o caso do Bairro Padre Faria. A metodologia aplicada refere-se à exploração bibliográfica, buscando trazer conceitos e autores que se comunicam, a fim de construir o corpo de informações no decorrer da escrita do estudo, e como de pesquisa de campo para a construção de coleta de dados e informações, foi utilizada entrevista com um nativo morador do bairro Padre Faria por meio digital para se chegar aos resultados finais e análise e caso.

No capítulo I apresenta-se uma discussão sobre os conceitos identidade, pertencimento e alteridade, essenciais para a construção social e seu entendimento sobre a formação uma comunidade mais acolhedora e hospitaleira. Já no capítulo 2, é trazida a contextualização histórica e social da cidade de Ouro preto, onde é considerada duas vertentes de formação: a colonial e a estudantil, em quené instituídos principais pontos para a construção do núcleo histórico da cidade. No ultimo capítulo intitulado o terceiro, é tratada a análise entre o centro histórico de Ouro Preto em disparidade com a comunidade do Bairro Padre Faria, na qual foi realizada uma entrevista com um morador nascido e criado no bairro em busca de perspectivas reais em desconexão ao centro histórico da cidade.

## **I CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E ALTERIDADE: DESAFIOS PARA UMA CIDADE MAIS HOSPITALEIRA.**

Este primeiro capítulo apresenta conceitos-chaves para o entendimento de identidade, pertencimento e alteridade, onde se faz presente na construção social para uma cidade mais acolhedora, com o intuito de idealização do sentimento e como forma de desempenho da cidadania plena.

### 1.1 Os conceitos de identidade e pertencimento na pós-modernidade

Quando fazemos menção à palavra identidade, logo pressupomos de que se trata de uma característica de algo ou alguém, que faz com que enxerguemos algo referente a uma personalidade onde podemos ter a identificação deste alguém ou algo. Segundo dois teóricos que transitam na órbita identitária, Hall (2006) e Bauman (2001) tratam a visão da identidade cultural e pós-modernidade, a questão da liquidez moderna e identidade, onde iremos explorar o conceito de forma que podemos traçar, posteriormente na monografia, características onde elencam com a cidade histórica de Ouro Preto. Inicialmente a construção da identidade se dá à interação social, havendo uma troca espontânea invisível no qual nos influencia a nunca mais sermos os mesmos a partir da experiência passada, onde tais influências nem sempre são percebidas da noite para o dia, portanto, precisamos pensar na identidade como uma construção histórica e relacional, conceitos que Stuart Hall e Zigmunt Bauman discutirão com mais detalhes.

Hall (2006) vem com a ideia de identidade a partir de três eras que retratam a evolução do conceito, ou melhor, dizendo, a evolução do conceito a partir do sujeito, baseando-se no colapso da transformação estrutural das sociedades modernas no final do século XX. O sujeito do iluminismo segundo Hall (2006), se baseava no homem unificado, onde após o seu nascimento já consistia sua identidade, tal que era imutável; sua natureza já se encontrava pronta para vivência até no dia de sua morte.

[...] dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia a identidade em questão e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou "idêntico"

a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2005, p. 10).

Bauman (2001) por sua vez, tem uma perspectiva na qual essa identidade comparada com a de Hall, se intitula sólida, como uma sociedade que se faz inalterada, fazendo a alusão de estados físicos da água para explicar as questões identitárias assim como as três eras de Stuart (2006). Esta solidez se explica pela ideia da impermeabilidade de molde dos homens, na qual se precisava de um grande esforço para que se possa penetrar a mudança deste indivíduo, onde há um grande cansaço fatídico durante sua jornada de vida para que ele se torne maleável (BAUMAN, 2001).

Hall (2006) no seu segundo conceito revela o sujeito sociológico, onde há uma interação de transformação identitária por meio da sociedade, tal qual este indivíduo tendo seu núcleo, passa a ser alterado mediante ao contato que há entre o eu e a coletividade externa que o mundo tem de oferecer. Seguindo nesta concepção, Bauman (2001) traz o sujeito pré-moderno, que antes era inacessível e impenetrável, já se encontram em forma de deterioração na qual se encontram suscetíveis a receber a influência onde há a fragmentação de todo o seu ser, que antes era composto apenas de uma identidade, agora se depara dividido em várias identidades entendíveis ou não.

Ao ler o Ancien Régime de Tocqueville, podemos nos perguntar até que ponto os “sólidos encontrados” não teriam sido desprezados, condenados e destinados à liquefação por já estarem enferrujados, esfarelados, com as costuras abrindo; por não se poder confiar neles. Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2001, p.8).

A terceira e última fase da construção identitária segundo Hall (2006), nos leva ao sujeito pós-moderno, que é o resultado de todo este processo, onde ele se caracteriza como um indivíduo “cru”, que não há um núcleo implantado, sólido e permanente, qual era mutável e complacente, tal que Bauman tratava este estágio como modernidade fluida aquela que “Eles são agora maleáveis a um ponto em que gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluídos, eles não mantêm a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2001, p.

14), por onde este indivíduo deixa de ser puro e se torna móvel tornando a identidade transitória.

Hall (2006) e Bauman (2001) se comunicam com expressões diferentes, porém no mesmo contexto, onde a identidade passa por transformações para que seja instaurada e inserida no sujeito, abordando a construção social indentitária de cada indivíduo. Cada fase evolutiva do ser se faz importante para o entendimento da construção do conceito Identidade, que é singularmente histórica e relacional, que, portanto, há a necessidade de haver uma troca social para que estes conceitos identitários formem o sujeito no qual conhecemos hoje como o “eu”.

Na visão do sociólogo em questão, a identidade compõe-se de um arranjo de significados que localizam o sujeito no mundo dando-lhe uma confortável sensação de pertencimento. Todavia, o fenômeno da globalização tem deslocado continuamente as identidades culturais (aqui percebidas como nacionais) para um espaço desintegrador que não pode dar sinais de perpetuidade diante da ruptura da tradição (SILVA, J; SILVA, L, 2019, p.465).

Juntamente relacionada à construção do conceito identidade, faz-se presente o conceito de pertencimento, no qual os dois se conectam através da idealização de reconhecimento de um patrimônio histórico, tal que uma sociedade inserida neste ambiente realiza a construção social patrimonial. Um exemplo disso seria a cidade de Ouro Preto, que se faz objeto de estudo deste trabalho acadêmico cujas análises serão inseridas posteriormente. Pertencimento pode ser entendido como um sentimento de pertencer a algum lugar, este sentimento transparece sensação de ser e estar fazendo parte da criação cultural e social do ambiente em que este sujeito está inserido.

Grupos de pertencimento: Grupos aos quais ao longo da vida uma pessoa participa (familiares, escolares, profissionais, de amizade), que são fundamentais para a construção da identidade individual e social (CONAS/CONANDA, 2009, p. 97).

O sentimento de pertencimento é uma construção social, onde a partir de influências do meio externo, com base na sua interação, ele passa a criar sua identidade e suas raízes baseados no sentimento de estar se sentindo que ali é o seu lugar, passando a se identificar na estrutura social ou urbano na qual ele estará inserido. Em outras

palavras o pertencimento usa por meio do partilhar de experiências, características com outros indivíduos inseridos num mesmo ambiente para que o sentimento de pertencimento se evolua e construa neste espaço. Para melhor entendimento, a socióloga Nira Yuval Davis (2006), traz três conceitos de construção de pertencimento: o primeiro sendo a construção de pertencimento mediante a estrutura social, a segunda por meio políticas de pertencimento e a terceira a armação mecânica do pertencimento.

No primeiro nível são tratadas as estruturas dos status sociais como forma de processo de identificação onde é investigado a percepção de pertencimento através de ligações afetivas, princípios políticos e morais. Já no segundo nível é focado na estrutura de propriedade política que tem um panorama de pertencimento político, melhor dizendo, como os indivíduos em sociedade se sentem em relação à política de ingresso aos direitos de cidadania e de ação coletiva, que confirmam o seu lugar no grupo a que pertencem. Por fim, o terceiro nível trata-se das características políticas que cada indivíduo possui, eles são selecionados para diferentes valores de associação específicos, independentemente de terem essas características ou não. Esses são três pontos essenciais para a construção de pertencimento de um sujeito, onde por meio de experiências culturais e sociais, os indivíduos conquistam o senso pertencente, onde são essas práticas que dão vitalidade ao processo social de comunidades individuais (DAVIS, 2006).

Por fim, observamos que esses dois conceitos apresentados – identidade e pertencimento – se constroem concomitantes, dependendo extremamente um do outro para a construção social de um indivíduo solo e de uma comunidade por um todo, que no objeto de estudo que se faz este trabalho, a construção de Ouro Preto socialmente falando, trás grandes marcas desde seus primórdios a construção social atual. Sem a identidade o sujeito se vê totalmente perdido e desconexo e sem o pertencimento ele não há onde se estabelecer e plantar suas raízes no tempo e no espaço. Paralelamente e dialeticamente aos conceitos de identidade vem à luz a ideia de alteridade como exercício da hospitalidade ao qual discutimos no próximo subitem.

## 1.2 Afetividade e hospitalidade como condição de exercício de cidadania plena na cidade

A imagem de uma cidade pode ser construída por três princípios segundo o urbanista Kevin Lynch (1999), que por ventura seriam a identidade, a estrutura e o significado que conversam com o tópico anterior relatando a ideia de Hall (2006) e Bauman (2001). A fim de que uma cidade seja construída de forma social, é necessária à construção identitária que visa edificar toda a sua estrutura, com o intuito dos indivíduos se identificarem com o lugar onde estão inseridos, assim desenvolvendo o seu sentimento de pertencimento, na qual, para além desses atributos, é necessária a evolução através destas características resultando em afetividade e hospitalidade, para que os sujeitos se correlacionem na construção urbana onde estão introduzidos, como forma de exercício de cidadania plena.

[...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 1980, p. 387).

Tratando-se de afetividade social, ela é construída por base de memórias afetivas e bem patrimoniais, nas quais os indivíduos pertencentes a tal localidade (no nosso objeto de estudo a tratativa é Ouro Preto e seu bairro Padre Faria) são responsáveis de certa forma a preservar “a memória do lugar, valorizando os aspectos culturais, sociais e históricos locais e fortalecendo as relações de vínculo nestes espaços” (ALVES, 2017, p. 2).

Para que essas construções sociais sejam entendidas, dois conceitos de Lynch serão discutidos: a legibilidade e a imageabilidade, que fazem parte da visão territorial de como o social irá enxergar seu espaço, para que a partir daí, possamos entender suas relações de hospitalidade e afetividade. A legibilidade urbana é a forma de como cada uma das partes da cidade pode ser identificada, podendo ser entendida como o fruto de uma prática comunitária que ecoa as relações sociais. Segundo Lynch (1960), através da legibilidade urbana, temos a percepção ambiental, que se baseia nas estruturas identitárias, estruturais e significativas de um ambiente, para que haja percepção de ambiente do indivíduo.

A identidade retrata a identificação propriamente dita do objeto, no sentido de sua diferenciação como uma unidade única, a estrutura se diz respeito ao padrão sócio estrutural que o objeto transpassa para o observador e em relação aos outros objetos, e para fechar, Lynch (1960) traz o significado como uma forma de construção sócio identitária, que remete a concepção da emoção social, identidade e pertencimento em relação ao objeto. Já a imageabilidade urbana, é tratada como a questão da formação da imagem da cidade, uma imagem autêntica que chama a atenção do observador, que todo o seu arranjo e sua formação de imagens num único contexto estrutural “aumentam a probabilidade de construir uma imagem clara e estruturada da cidade” (LYNCH, 1960, p 9).

Havendo esta produção espacial para que o sujeito seja inserido, estas características que Lynch cita em sua obra “A imagem da Cidade”, faz com que tenhamos uma noção de como uma cidade é edificada, para que uma relação entre indivíduos nasça, levando assim, a identificação de facetas sociais como relacionamentos interpessoais que geram identidade e pertencimento para tal comunidade, criando seus modos de hospitalidade e afetividade mediante estas relações e construções.

O território é um dos lugares da dádiva, uma vez que é o núcleo indiscutível da vida das relações humanas com suas condições individuais de reprodução social e tutores de significados existenciais. Dos estilos de vida para a relação total da sociedade que constitui o sentido da humanidade, todos revelam os personagens que produzem o território para por meio de usos e apropriações; quer dizer que a apropriação territorial mostra as dimensões reais para dar, receber e devolver. O território ordenado é a expressão da vida, da forma mais diversa, intenções e ideologias (COSTA; MOESCH, 2017, p. 10).

A hospitalidade trás a reflexão sobre a dádiva dentre o ciclo de dar, receber e retribuir uns aos outros, nos levando a fazer nexos com todos os conceitos tratados neste capítulo para que pudéssemos chegar à questão de tratamento social. Após toda a construção do sujeito e do seu espaço social, nos deparamos com a sua forma de agir no meio social para a busca de um estado de boa convivência com os demais indivíduos do seu meio. O senso social é constituído pela busca de proporcionar direção ao sujeito, onde há o entendimento do meio através das experiências vivenciadas por um grupo social, onde são passadas virtudes para este

indivíduo, sendo assim, ele é visto como um princípio onde reforça a ideia de ajuda mútua entre as pessoas. Dessa maneira, a cidade é colocada como foco para as pessoas mediante seus olhares de identidade e alteridades entre elas próprias diante do sentido público e da cultura instituída.

Sabemos que em pleno século XXI, esta hospitalidade está relacionada em jogos de interesse entre pessoas ou sociedades pelo sistema capitalista em que vivenciamos nos tempos atuais. A dádiva é relegada a um papel inferior e a hospitalidade passa a ser um sistema de inospitalidade, principalmente no sentido público. A problemática, no presente trabalho, dá-se no exercício da hospitalidade, da inospitalidade e da hostilidade na cidade de construção tida como histórica e uma cidade turística.

Portanto, podemos concluir neste capítulo que a construção social de determinado ambiente se faz necessária não só a parte estrutural, mas também uma educação afetiva social e hospitalidade para que os indivíduos possam se relacionar de forma que haja uma troca justa entre os moradores de todas as partes da cidade em que estão inseridos, assim exercendo o exercício de cidadania plena, uma boa convivência, para que todos possam colher os frutos que a Cidade de Ouro Preto, como cidade turística tem de oferecer.

[...] é fundamental pensar nas virtudes da hospitalidade com todos os desafios que esta diretiva implica, uma vez que aqueles excluídos do sistema capitalista são incapazes de se inserirem como protagonistas de suas próprias histórias. (BRUSADIN, 2021, p.109)

Para que possamos entender um pouco mais sobre os conceitos acima, iremos contextualizar nos próximos capítulos usando Ouro Preto como chave histórica para o desenvolvimento do objeto em questão na qual a falta da não construção do sentimento de pertencimento e identidade trazem consequências para uma sociedade. No próximo capítulo discutir-se-á sobre tais elementos na cidade de Ouro Preto e suas condições de pertencimento e alteridade.

## **II CAPÍTULO 2 – AS IDENTIDADES DA CIDADE DE OURO PRETO: PARADOXOS ENTRE O PERTENCER E AS ALTERIDADES DO TEMPO E DO ESPAÇO**

O presente capítulo traz duas vertentes de Ouro Preto num traçar histórico: Ouro Preto como cidade colonial e Ouro Preto como cidade estudantil, evidenciando esses dois espaços, considerados por muitos predominantes na cidade, com uma visão histórica tal qual relata a construção do núcleo da cidade. Diante de tal optamos por elencar as fontes dos dados para sua devida relativização por se tratar de uma análise histórica.

### **2.1 Ouro Preto colonial: contextualização histórica da cidade**

Vivemos constantemente em transformações, não só os seres humanos, mas também os espaços estruturais onde formam as cidades que habitamos. Entre o antigo que sempre nos permeia, ao atual onde estamos inseridos, há uma grande mudança e constituição de fatos históricos, que nos faz adquirir identidade, na qual monumentos estudantis e religiosos trazem essa construção social e espacial da cidade. Quando levantamos a questão da necessidade da organização social, pontuamos o desejo do indivíduo de unir recursos, como ao exemplo da cidade de Ouro Preto, antigamente intitulada de Vila Rica, que se tonou o maior polo de extração de bens naturais em 8 de Julho de 1711, onde o autor Edilson Pereira no artigo “Patrimônios, tempos e “tradições” de Ouro Preto” traz toda a contextualização histórica na construção de Vila Rica.

Pereira (2017) em seu artigo relata que, em meados do século XVI, bandeirantes luso-tupis vindos de São Paulo, começaram uma caçada em terras mineiras em busca de ouro, riquezas minerais e escravos, porém, além dessa busca por riquezas, houve grande dizimação de sociedades indígenas. Apenas no final do século XVII, fora encontrado ouro, mediante a isto, trazendo mais aventureiros para a região. Sua extração virou alvo dos favorecidos de interesse real (Portugal na tentativa de se salvar de uma grande crise econômica), gerando um grande fluxo migracional consolidando a Economia Colonial que influenciava no desenvolver do território brasileiro, e com a descoberta do ouro, houve uma grande expansão de

território por meio das minas, com essa grande demanda de exploração foi considerada como principal atividade econômica no período colonial, denominando essa fase como “ciclo do ouro” que por meio desta também foi criada a Capitania de Minas Gerais.

Também para elencar a Pereira (2017), segundo o livro “Ouro Preto: sesquicentenário da elevação de Vila Rica a categoria de Imperial Cidade de Ouro Preto” de autoria da Biblioteca Nacional (1973), a sociedade mineira da época tinha como marca impregnada em seu sistema o escravismo, escravos que eram retirados de seus países natais, para que fossem trazidos a antiga Vila Rica pelos portugueses com o intuito de servirem como mão de obra escrava na extração de ouro e outros bens minerais. Logo após a independência do Brasil no século XIX, mais precisamente em 1823, Vila Rica foi intitulada capital de Minas Gerais passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto. Após esta grande intitulação, Ouro Preto foi ganhando forma com escolas de renome, igrejas barrocas e grandes artistas que junto com a população local construiu esta cidade que hoje é nomeada patrimônio mundial da humanidade.

José Ramos Dias, no livro “Apontamentos históricos do sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto”, traz a contextualização histórica de implantação da Escola de Farmácia. Inicialmente em 1839, foi instaurada a Escola de Farmácia que foi considerada a primeira escola de farmácia da América do sul. A partir da lei nº 140<sup>1</sup>, sancionada pelo Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, Presidente da Província de Minas Gerais, se deu início ao ensino farmacêutico no Brasil, que não se fazia existente na época colonial, onde sucedeu a primeira a ensinar o ofício farmacêutico fora de uma faculdade de medicina do país. Em tempos de Brasil colonial, não havia o ensino farmacêutico, as pessoas que sabiam deste ofício aprenderam na prática eram chamadas de boticas, estas por sua vez trabalhavam em lojas onde manipulavam o fornecimento de medicamentos/drogas a população, até meados do século XIX estes estabelecimentos não eram de grandes números.

---

<sup>1</sup>Lei nº 140, votada em 4 de abril de 1839 na Assembléia Legislativa de Minas Gerais e sancionada pelo Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, Presidente da Província. Esta lei, na realidade, criava duas escolas, uma na capital da província - Ouro Preto - e outra na cidade de São João d’El-Rei. No

Segundo Dias (1989), logo após a implementação da Escola de Farmácia, em 12 de Outubro de 1876 a pedido do Imperador Dom Pedro II, o cientista francês Claude Henri Gorceix fundou a Escola de Minas, com o intuito de alavancar as pesquisas científicas no Brasil. Levando em consideração que a cidade de Ouro Preto era uma cidade de riquezas minerais, como o ouro, mineração e metalurgia, o ponto de partida da criação da escola foi:

[...] fornecer administradores para a exploração das minas e para as empresas metalúrgicas e engenheiros empregados pelo Estado nas diversas províncias do Império para se encarregarem das explorações geológicas e da fiscalização dos trabalhos de mineração (GORCEIX, 1913, p.184).

De acordo com o autor do livro “A Escola de Minas de Ouro Preto: O peso da glória”, José Murilo de Carvalho, o modelo para ser implantado foi baseado na Escola de Minas de Saint-Etiéne, onde os parâmetros de ensino se encaixavam as demandas brasileiras, as aulas seriam de forma integral, ate aos sábados e domingos, para que houvesse uma rápida formação de profissionais para atuação na cidade.

Dom Pedro II realizou uma viagem ate a França e fez um pedido para Auguste Daubrée<sup>2</sup>, este pedido consistiria em que fosse feito um estudo da melhor região brasileira que seria possível levantar as melhores maneiras de desenvolver um estudo de excelência sobre exploração mineral. Auguste por sua vez, recusou o pedido de Dom Pedro por tornar-se diretor da Escola de Minas em Paris, porém, indicou o companheiro Claude Henri Gorceix, que eram um grande amigo de sua confiança. Gorceix então fez um estudo meticuloso e chegou à decisão de que o lugar onde seria mais propício para instauração da Escola de Minas no Brasil seria Ouro Preto, por se tratar de uma região com grande riqueza geológica.

Carvalho (2010) enfatiza que Gorceix foi de grande importância para a história e expansão da mineralogia na cidade, sendo o Fundador da Escola, tendo atuação como diretor e professor. Com sua morte no ano de 1919 na França, seus restos

---

<sup>2</sup>Gabriel Auguste Daubrée foi um geólogo francês. Nascido em 25 de junho de 1814, Metz, França - falecido em 29 de maio de 1896, Paris, foi um geoquímico francês epioneiro na aplicação de métodos experimentais ao estudo de diversos fenômenos geológicos. The Editors of Encyclopaedia Britannica. Gabriel-Auguste Daubrée French geochemist. Britannica, 20, Julho, 1998. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>.

mortais foram trazidos para Ouro Preto e instalados num mausoléu no antigo prédio da Escola de Minas.

Fazendo também parte da historia colonial ouro-pretana, Wladimir Alves de Souza autor do livro “Guia dos bens tombados, Minas Gerais” traz todo o levantamento histórico por traz dos bens tombados na cidade de Vila Rica. A Casa da Câmara e Cadeia estabelecida hoje como o Museu da Inconfidência, que guarda milhares de acervos históricos referentes ao Ciclo do Ouro e dos diamantes no século XVIII, Inconfidência Mineira e diversas obras dos famosos artistas Manoel da Costa Ataíde e Aleijadinho.

Souza (1985) conta que em 1785, foi erguida a Casa de Câmara e Cadeia foi o monumento construído mais notável da arquitetura barroca tardia do Brasil, com exemplar conjugação arquitetônica civil colonial. Esta construção fora planejada pelo governador da Capitania de Minas Gerais chamado Luís da Cunha Menezes, que utilizou do trabalho forçado a mão de obra vadia e prisioneiros negros para que fosse levantado o casarão. Esta construção da nova casa de câmara e cadeia serviu como substituta da antiga prisão de pau-a-pique, para que fosse feita de pedra e cal, com grande mobilização de Menezes para que ficasse rapidamente pronta, porem, a construção só se deu por fim em 1855.

A construção da Casa de Câmara e Cadeia determinou a duplicação da atual praça Tiradentes, não só com a demolição da primitiva cadeia mas ainda de diversas casas que comprometiam a visibilidade do edifício mais importante da capital. A reconstrução de todo o largo, executada em 1797, por José Ribeiro Carvalhais, veio garantir ao monumento um espaço condizente com a sua monumentalidade, uma vez que, juntamente com o prédio do Palácio dos Governadores, compunha o centro cívico de maior poder de decisão da Colônia na época. Em 1863, a Câmara se transferiu para outro imóvel na praça Tiradentes, diante da necessidade de se aumentar o número de celas da prisão, ganhando dimensão a temível Cadeia de Ouro Preto. Após a implantação do sistema penitenciário, o então governador João Pinheiro promoveu, em 1907, adaptações no prédio para transformar-se em penitenciária estadual (MOURÃO, 1995).

Após toda esta mudança estrutural e no ambiente onde ela se estabeleceria, hoje ela se encontra como o Museu da Inconfidência, inaugurado em 11 de agosto de 1944, onde foi instaurado este museu contendo resquícios de uma parte da história da era colonial e barroca, constituinte de documentos expressivos da formação de Minas Gerais, inconfidência, história de Ouro Preto e repleta variedade de artigos

como moveis, vestimentas, artigos de guerrilha que contam essa passagem histórica da antiga Vila Rica (PLANO MUSEOLÓGICO IPHAN, 2008)

Como um símbolo barroco, as igrejas são componentes de extrema relevância a esta cidade patrimônio da humanidade, que, por sua vez são grandes influencias arquitetônicas para toda história da arquitetura mineira. As igrejas tem a função de contar principalmente grande parte da história estrutural da cidade de Ouro Preto, com detalhes que foram trazidos de grandes referencias mundiais, intercaladas com artistas brasileiros que puderam reproduzir grandes obras com um significado inestimável para que a história da cidade fosse construída.

Em Vila Rica, a presença de ordens terceiras foi, se não determinante, pelo menos de grande peso para o desenvolvimento das artes, sobretudo da arquitetura religiosa. A partir da segunda metade do século XVII, as Irmandades religiosas e as Ordens Terceiras foram grandes promotoras das artes (PIFANO, 1996, p. 130).

Para entendermos a estruturação histórica das igrejas da região juntamente com o IPHAN, o livro “Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana” das autoras Myriam A. Ribeiro de Oliveira e Adalgisa Arantes Campos, trazem toda a construção divina colonial dos monumentos, onde citaremos algumas principais igrejas como a Nossa Senhora do Carmo<sup>3</sup>, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora do Rosário, Paróquia e Santuário de Nossa Senhora da Conceição e a Igreja São Francisco de Assis.

A Igreja Nossa Senhora do Carmo foi um dos últimos trabalhos do artista Manoel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho, que foi morto logo um ano depois da construção do templo. Considerada um importante exemplar da tradição rococó no Brasil, foi construída em 1766 com a decisão dos irmãos terceiros da Ordem do Carmo<sup>[3]</sup> do Rio de Janeiro, que haviam migrado para a antiga Vila Rica. Sua arquitetura remete ao estilo rococó da arquitetura colonial mineira, que por sua vez é caracterizado por uso excessivo curvas e de elementos decorativos como conchas, flores e laços, dispondo também de características referente a dois períodos da arquitetura do século XVIII.

---

<sup>3</sup> A Ordem do Carmo ou Ordem dos Carmelitas, originalmente chamada Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, é uma ordem religiosa católica que surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo.

A Igreja Nossa Senhora do Pilar construída em 1696 ao entorno de uma capela e reestruturada 1712, é um monumento proferido a igreja católica mais popular entre as que foram erguidas durante o período do ciclo do ouro, contendo todo seu traçado remetente ao modelo tradicional de barroco mineiro. Por ser uma paróquia mais populosa e com riquezas de Vila Rica, ela reuniu o maior número de irmandades, e por conta disto, recebeu mais adereços ricos e pomposos para a preparação de uma “boa morte”.

Já a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ou apenas Nossa Senhora do Rosário foi instituída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi levantada em 1515, porém inicialmente não havia um local próprio para a realização de seus cultos, em tal caso dividia o espaço com a Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Após um ano da sua fundação, uma capela fora comprada no bairro Caquende pelos irmãos, onde até 1733 mantiveram sua adoração. Logo após uma festividade chamada Triunfo Eucarístico, houve a abertura da rua Getúlio Vargas pela Irmandade dos Pretos, em forma de retribuição em 1753 houve a autorização para que a Irmandade construísse um templo faustoso, porém apenas em 1761 a Câmara de Ouro Preto os concedera um grandioso lote nas proximidades de sua capela.

A Paróquia e Santuário de Nossa Senhora da Conceição marca a origem de Vila Rica em 1699, onde inicialmente foi erguida pelo bandeirante Antônio Dias. Em 1727 começara a reestruturação do santuário que se encontrava em ruínas, arrematada por Manoel Francisco Lisboa, pai do Antônio Francisco Lisboa o Aleijadinho, com interior típico da arquitetura da primeira metade do século XVIII e fachada alterada no século XIX. Ambos se encontram sepultados no interior da Matriz.

A Igreja São Francisco de Assis é a representação de um dos monumentos mais expressivo da era colonial. Construída em 1766, tem características estruturais barrocas e ornamentos rococós, onde esta igreja era uma das mais visadas entre as demais brasileiras do período colonial por ter sido uma das criações esplêndidas do mestre Aleijadinho. Não só criações de Aleijadinho, este templo está repleto de trabalhos de Manoel da Costa Ataíde, que representa o maior nome da pintura

brasileira, sendo a primeira dos bens ouropretanos a ser tombado individualmente em âmbito nacional em 1938.

Tendo em vista os aspectos apresentados, é inegável a importância das questões históricas e culturais, para a formação do contexto de construções sócio estruturais na cidade de Ouro Preto. A partir da junção de processos referentes a conjunções de arraiais de garimpo de ouro, Ouro Preto se expandiu e se tornou Monumento Nacional em 1933, tombada pelo IPHAN em 1938 devido seu patrimônio urbanístico e arquitetônico e por fim foi “declarada pela Unesco como patrimônio mundial em 5 de setembro de 1980, sendo o primeiro bem cultural brasileiro inscrito na Lista do Patrimônio Mundial” (Portal IPHAN).

Levando-se em consideração que Ouro Preto de sua formação histórica colonial baseada no ciclo do ouro, através da Escola de Minas e da Escola de Farmácia, surgiram irmandades conhecidas como repúblicas estudantis, as quais também participaram da formação social da cidade onde até hoje perpetuam suas tradições, onde abordaremos seus primórdios e suas características no próximo tópico. Nesse retrospecto histórico percebe-se que os autores privilegiaram os bens considerados de valor para os moldes europeu e a formação espacial de bairros periféricos não foram assinalados com o mesmo valor.

## 2.2 Ouro Preto estudantil: contextualização social na cidade

Apesar de toda a construção histórica colonial a influência estudantil em Ouro Preto fez com que ela não fosse apenas uma cidade patrimônio e turística, mas um ambiente com grande parte populacional universitário, intrincando junto às escolas de Minas e de Farmácia que começaram a ser propagadoras de moradias para os discentes das duas escolas, mas em apenas a partir de 1969 com a criação da Universidade Federal de Ouro Preto (PORTAL UFOP) a vida nessas moradias denominadas repúblicas, foram se multiplicando construindo toda uma geração de história e cultura entre esse novo universo que se desenvolveu na cidade Vila Rica.

A grande maioria dos estudantes da UFOP são originários da própria região, sendo recrutados principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, vivendo a sua grande maioria nas casas de estudantes, conhecidas por Repúblicas, (nome adotado a partir da

influência da Universidade de Coimbra). Desta forma, houve, inclusive, intercâmbios entre estudantes de Ouro Preto e Coimbra, como em 1951, quando os estudantes de Coimbra visitaram Ouro Preto (MACHADO, 2003, p.197).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Ouro Preto conta com 74.558 habitantes, desses, 14.972 são estudantes de graduação, mestrado ou alguma especialização na universidade. Segundo dados referentes do autor Otávio Luis Machado do artigo “As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto”, ele diz que “levantamentos recentes da UFOP os tipos de habitações dos estudantes distribuem-se do seguinte modo: repúblicas particulares (39%); repúblicas federais (23%); casa de família (17,1%); casa própria (13,4%); pensão (5,3%); alojamentos (1,6%); casa paroquial (0,5%), ou seja, 62% dos estudantes moram em algum tipo de república”, com isso gerando com que uma porcentagem considerável populacional é constituída por estudantes que são nativos da cidade ou estudantes que optaram por migrar para cidade.

Com a abertura das escolas de Minas e Farmácia, surgiram as assistências estudantis, que teriam um papel fundamental na constituição das tradições discentes que há na cidade, já que seu objetivo era a disponibilização na construção de casas para os alunos. Mediante a isto, duas associações estudantis chamadas Casa do Estudante da Escola de Minas e Casa do estudante de Ouro Preto, fizeram a compra de grandes casarões antigos que se transformariam em repúblicas que abrigariam estudantes por muitas gerações. (MACHADO, 2003)

Características únicas formavam estas novas casas em parte de todo um contexto sócio estrutural na cidade Ouro Preto, pois a partir criação das escolas, este inaudito sistema de moradia teria grande influência na construção da imagem da cidade como um todo, trazendo uma nova formação de experiências que se tornaram parte do tradicionalismo local. Sua gestão se dá por conta de um ambiente de cooperação e autossuficiência, onde, portanto se dá à emancipação em relação às moradias e a universidade, que com este sistema, fazem com que os estudantes tenham a experiência de autogoverno e liberdade, buscando também a colaboração entre os moradores. Sobre este tipo de fraternidade com grande rotatividade de pessoas, foram-se formando grandes famílias com grandes histórias que cresceram ao longo

da jornada de cada morador, trazendo pra cada casa uma tradição que seria seguida por longos anos que se perpetuem ainda na atualidade.

Com base em outro livro de Machado “Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas”, cada casa constituiu sua identidade onde era passado de geração em geração, à medida que havia a entrada ou a saída dos estudantes, que haviam concluído seu curso. Hinos, rezas, bandeiras, festas e outras coisas demais compunham a concepção do tradicionalismo republicano. Um exemplo de disso seria a base de organização de casas: republicas federais que eram identificadas por casas pertencentes a universidade e republicas particulares, que eram casas que se originariam da compra autônoma ou por via de aluguel.

Tanto quanto nas repúblicas federais e particulares, contam com um sistema de avaliação probatória que permite filtrar as pessoas que irão fazer parte seleção da casa se chama “batalha”, que se baseia como atividades de manutenção da casa, conhecimento sobre tradições internas, proativíssimo, cooperatividade e outros. As pessoas que exercem esse tipo de atividade, são chamados de “bixos”, onde são os calouros que ingressaram recentemente na faculdade. Outra característica relevante desta organização seria o sistema de hierarquias, que precisamente se idealiza pelo tempo de casa que cada pessoa tem e/ou ordem de chegada, onde são chamados de moradores (MACHADO, 2014)

Mediante a construção desta parte da tradicionalidade local, serviram também como influencia para a cidade as festas de 21 de abril, 12 de Outubro e carnaval, onde o movimento estudantil se viu a frente dessas grandes comemorações interagindo e proporcionando a expansão indenitária social para a cidade de Ouro Preto.

Os motivos pelos quais as pessoas se reúnem estão associados à troca cultural, perpetuação da cultura, a lembrança, a confraternização, o entretenimento e o consumo de mercadorias (MORAES/MIRANDA, 2011, p 2)

As autoras Claudia Moraes e Bruna Miranda trazem no artigo “Repúblicas estudantis: a tradição como potencialidade turística em Ouro Preto MG” A festa 12 de Outubro como um exemplo forte de tradição que move uma grande parte do turismo na cidade, onde se caracteriza em comemorar o aniversário da Escola de

Minas. Moraes e Miranda (2011) discutem que nesta festividade, as republicas onde se intitulavam fundadas por alunos da Escola de Minas ou as próprias casas pertencem a escola, fazem essa comemoração para celebrar todas suas tradições e seus ex-moradores que já se passaram por lá. Várias pessoas de varias localidades do Brasil que já pertenceram a república, voltam para as festividades por 4 dias para as homenagens e lembranças dos velhos tempos onde construíram-se memórias. Esta atividade exclusiva que faz parte do sistema republicano faz com que haja grande fluxo de pessoas na cidade que buscam vivenciar novamente experiências vividas no passado e a propagação da identidade e cultura republicana, que por sua vez, hoje faz parte de uma das grandes tradições relevantes existente na cidade.

Outra comemoração incluída no calendário estudantil seria o 21 de abril, onde republicas mais novas escolheram em comemorar seus aniversários em virtude ao feriado de Tiradentes, onde a cidade se torna palco de celebração publica em memoria ao mártir da inconfidência mineira, porem além desta comemoração, as entidades republicanas fizeram a escolha também desta data para que comemorassem o aniversario da republica, incluindo 4 dias de grandes festividades para lembrar toda história e tradição vivida durante os anos. Uma das republicas mais antiga na cidade contempla com 100 anos de existência, provando assim, um ponto chave de que além de ser uma cidade colonial, também é uma cidade construída através de experiências acadêmicas. Nesse sentido, vale ressaltar que, “viver em república é um grande aprendizado, pois são pessoas oriundas de lugares e costumes diferentes e precisam aprender a conviver em harmonia e tolerância com os demais estudantes” (MORAES/MIRANDA, 2011, p 5).

Uma festividade que também esta em conjunto com os outros eventos é o carnaval, pois além de estar presente na tradição estrutural da cidade com blocos locais e comemorações, as republicas e moradias estudantis contam com uma tradicional festa de carnaval universitária, onde elaboram festas nas casas, blocos de carnaval na cidade onde chamam a atenção nacionalmente, atraindo pessoas do Brasil inteiro que vem para a cidade apenas para curtir 5 dias de muitas festas. Tal quais estas atividades desenvolvem um papel fundamental na construção da identidade local da cidade, onde a intenção é fazer com que o individuo local interaja com o ambiente no qual esta inserido, onde é participante ativo nas suas tradições, desenvolvendo

nessalmente o senso de pertencimento mostrando todas as suas faces culturais, um exemplo disto são os grandes blocos carnavalescos tradicionais da cidade de Ouro Preto, como por exemplo, o Zé Pereira dos Lacaio criado em 1867, onde até nos dias de hoje se faz existente nos desfiles de carnaval (MAYOR, 2014).

Apesar de Ouro Preto ser conhecida como uma cidade símbolo histórica, as tradicionais repúblicas ouro-pretanas acabaram trazendo uma segunda identidade para o local, onde influenciam diretamente na estrutura social, onde novos aspectos são instaurados junto à comunidade atual e a memória colonial existe, onde foi criada certa posição de cidade tombada, histórica e memorial de tantas atividades influentes para a sociedade nacional. Esta visão estudantil veio através de grandes escolas criadas, que a partir desde marco, começou a difundir a cultura discente em toda região, criando assim um novo conceito particular de moradias para estudantes. Através desta criação e expansão, pessoas começaram a migrar de seus estados ou até mesmo de cidades próximas a região para que pudessem estudar na universidade, por meio disto, criando a disseminação de repúblicas onde haveria a construção de um novo legado que se perpetua até nos dias de hoje, sendo muitas vezes referência de um tipo de estilo de vida na antiga Vila Rica.

[...] há um verdadeiro “espírito republicano” que não é exclusivo das repúblicas federais. As particulares agem de forma semelhante, seguindo uma espécie de código estudantil de comportamento, existente apenas em Ouro Preto e em nenhum outro lugar do mundo. É muito difícil explicar, a quem não convive com a realidade de uma república ouropretana, o que realmente acontece dentro de uma delas. Tem-se ali, uma verdadeira confraria, onde se aplica, literalmente, a definição de “existir junto”. Os republicanos tornam-se verdadeiros companheiros e passam a considerar-se irmãos, não só no período em que moram juntos, mas, na maioria das vezes, pela vida afora. [...] A elas, todos os ex-alunos desejam voltar, para visitar e reviver, mesmo que por algumas horas, toda aquela fase mágica que viveram ali, fundamental pela consolidação do próprio caráter e pelo nascimento das grandes amizades (QUEIROZ, 2010, p 13).

Em virtude dos fatos mencionados, é indiscutível a relevância do sistema republicano em meio à construção identitária de Ouro Preto, onde sua importância é incontestável, pois ela faz parte da construção de memórias afetivas coletivas de todos os universitários/estudantes (MACHADO, 2003) que influenciam diretamente ou indiretamente toda sua estrutura social, no qual seus sistemas e tradições exercem uma grande influência na construção da personalidade da cidade, na existência de dois parâmetros na figura pessoal local, divididos em dois aspectos

tratados na decorrência: Ouro Preto cidade colonial e Ouro Preto cidade estudantil, quando mesmo sendo um divisor de critérios para análise de identidade local, são complementares e indispensáveis uma da outra na formação da persona Ouro Preto.

Ressalva, porém, que outros universos da cidade coexistem com estes tratados acima, tal como, o público dos artistas da cidade, da população negra, dos estrangeiros, dos turistas e outros mais que forma o retrospecto cosmopolita da cidade, ainda que não sejam integrados entre si. Após esta contextualização do nosso cenário de estudo, o próximo capítulo tem a ideia de trazer a noção do núcleo histórico e seu território traçando a problematização do isolamento sócio espacial de comunidades periféricas, na qual há mostra a face oculta onde muitas vezes não é mostrada na cena turística.

### III CAPÍTULO 3 – TERRITÓRIO E EXCLUSÃO EM OURO PRETO: O CASO DO BAIRRO PADRE FARIA

Neste último capítulo buscaremos o entendimento de Ouro Preto como centro histórico, comparada à vida e o cotidiano do bairro Padre Faria enquanto recorte espacial desta monografia. A partir de tal realizamos análise de pesquisas realizadas sobre o tema e uma entrevista com um morador nativo do bairro, Hanster Aparecido da Silva, para verificar suas identidades e alteridades em oposição e desconexão ao centro histórico da cidade.

#### 3.1 A noção de centro histórico, território e paisagem. Segregação sócio espacial na cidade histórica de Ouro Preto

Ouro Preto é considerada cidade berço da colonialidade mineira, sendo de tal importância não só para o estado, que foi a primeira cidade tombada pelo IPHAN no ano de 1938 por ser considerada uma cidade com construções patrimoniais relevantes para a nação. Porém, mesmo tendo todo o seu vanglorioso centro histórico com repleta grandiosidade arquitetônica colonial, ocorreram problemas na cena estrutural no sentido de segregação sócio espacial da cidade. O “vício” da visão já persegue várias cidades turísticas, dentre elas Ouro Preto, tal qual normalmente estamos condicionados e programados apenas a apreciar o núcleo turístico, como já se refere o próprio nome: centro histórico.

Diante de tais problemáticas, Henri Lefebvre discute em “O Direito a Cidade” os cidadãos e seus grupos sociais os quais eles constituem a construção da cidade que por meio de ações, este grupo social promove o ato de produzir coletivamente a cidade, na qual possuem também o direito de desfrutar de forma igualitária, onde o direito à cidade é um direito coletivo. A contextualização de Lefebvre define como o direito da não exclusão social urbana onde ele traz a exemplificação sobre o fenômeno de afastamento e segregação sócio econômica referente à “tragédia de banlieusads”, indivíduos que foram obrigados a viverem em guetos afastados do centro da cidade, no entanto, este direito a cidade, traz a retratação da restauração comunitária do ambiente urbano por grupos marginalizados que vivem nos espaços periféricos da cidade.

Todas as pessoas que vivem na cidade são cidadãos? Não é bem assim. Na verdade, todos têm direito à cidade e têm direito de se assumirem como cidadãos. Mas, na prática, da maneira como as modernas cidades crescem e se desenvolvem, o que ocorre é uma urbanização desurbanizada. [...] Direito à cidade quer dizer direito à vida urbana, à habitação, à dignidade. É pensar a cidade como um espaço de usufruto do cotidiano, como um lugar de encontro e não de desencontro (LEFEBVRE, 1991).

O fato é, se tratando de Ouro Preto, a parte segregada da sua população perde o sentimento de pertencimento, tal que, os moradores da Ouro Preto genuína não vivenciam a Ouro Preto oficial, pois não há a identificação nos espaços, em dinâmicas culturais tal menos no mercado imobiliário central, pois seria inviável a construção de um novo imóvel no centro histórico tal que intitularia a descaracterização do ambiente colonial, assim, apenas propiciando o mercado de locação com preços exorbitantes. Este tipo de mudança é propiciado pelo movimento da supervalorização do centro histórico, onde a partir do tombamento da cidade, ela passa a ter uma nova visibilidade, e por consequência mais turistas, que buscam por si só a atração “central” que está na cidade histórica, no caso Ouro Preto, todo o seu centro histórico colonial, segregando as demais partes que não fazem parte deste núcleo constituinte.

Sendo assim, a parte prejudicada de todo este contexto são bairros de certa forma periféricos, onde se encontram afastados da centralidade de Ouro Preto, e que na maioria das vezes, fazem parte da construção histórica da cidade, porém, não estão inseridos na “cena turística”, levando a ocorrência da segregação sócio espacial, lesando ainda mais a relação nativa com seu local de permanência real, tendo em vista seu sentimento de pertencimento com a cidade na qual estes feitos geram impactos sobre a paisagem territorial e sobre a sociedade. Assim, “as cidades têm a capacidade de proporcionar algo para todos somente porque e somente quando, são criadas por todos” (JACOBS, 1961).

Em suma, é inegável que a segregação faz uma grande movimentação para que a cena turística seja mutável para que a cidade se torne um polo turístico e movimento capital, porém e perceptível que com este contexto a comunidade legítima de Ouro Preto fique totalmente fora de cena, ressaltando e nos indagando por onde ficam os lugares que não estão fazendo parte do retrato central da cidade.

### 3.2 A Ouro Preto que não está no retrato

Segundo dados do IBGE, em 2020 Ouro Preto possuía aproximadamente 74.558 pessoas. São em torno de 75 mil pessoas que tem o direito de se sentirem parte da cidade na qual moram, nas quais tem a necessidade de se sentirem incluídas principalmente no sentido de questões identitárias. Muito mais de 75 mil pessoas passaram por Ouro Preto e construíram bairros e história e muito deles não estão inseridos no retrato da cidade, com isto, o artigo “A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores” de Yuri Alexandre Estevão Rezende e Leonardo Francisco de Azevedo, os autores retratam relatos na integra dos moradores de bairros periféricos de Ouro Preto onde mostra claramente esta segregação e o sentimento de não pertencimento deles para com a cidade, mostrando a verdadeira face que não está inserida na cena.

Outro artigo que também iremos abordar seria o “Conviver: Sentimento de pertencimento no processo de inclusão dos moradores da cidade turística, Ouro Preto (MG)” por Kerley dos Santos Alves, no qual relata a iniciativa de um projeto com a intenção do encorajo dos participantes a se apropriarem da sua cidade e movimentação turística na confecção de ações como palestras e dinâmicas que despertem a identidade e o pertencer. Também será tratado a Oficina “Outro Olhar” realizada no período do Festival Inverno de 2019, teve como o objetivo proporcionar o sentimento de pertencimento e educação patrimonial para crianças do bairro Morro São Sebastião. Para fechamento deste conteúdo a ser tratado, o artigo de Leandro Brusadin e Paula Lara Leite “A dualidade sócio espacial de Ouro Preto (MG) dentre a patrimonialização global e as táticas cotidianas locais”, no qual é trazida a concepção de dualidade entre o contexto de Ouro Preto como cidade patrimônio em relação a sua comunidade nativa. As escolhas destas fontes se devem por conta da aderência com a presente temática cujas análises foram consideradas fundamentais.

No artigo de Yuri e Leonardo (2020), os autores fazem menção a uma inquietação que puderam mover a intenção desta pesquisa, onde um dos autores percorre

seucaminho ate seu trabalho e escuta uma senhora dizendo que anteriormente era obrigada a ir a Ouro Preto para tudo, mas haveria muitos dias que ela conseguiria realizar tudo em seu bairro chamado Saramenha ou em outro bairro chamado Bauxita. Um aspecto intrigante deste comentário feito pela residente da cidade seria pelo fato de que os dois bairros citados acima, tanto o qual a senhora reside e o que ela estaria indo para resolver suas pendencias são bairros de Ouro Preto, o que leva também a colocação dos autores de forma intrigante em relação a esta passagem, onde questionam o modo de como a residente trata seu bairro como se não fizesse parte do restante da cidade.

Como não foi a primeira vez que este tipo de discurso foi ouvido pelos pesquisadores, tal recorrência nos fez perceber que se produzia, pelos discursos da população nativa, outra Ouro Preto, cujo imaginário se distinguiu da cidade famosa pelo turismo. (REZENDE; AZEVEDO, 2020, p.5).

Isto traz a tona e fortalece ainda mais a questão que muitos lugares de Ouro Preto não fazem parte, ou os indivíduos daquela sociedade não consideram parte da cidade turística, e isto não é mostrado com tanta frequência.

Outro caso que iremos abordar se trata do projeto Conviver, que leva outra vertente de proposta para a sociedade ouro-pretana, onde é trabalhado o sentimento de pertencimento dos moradores da cidade, por meio de parceria com a instituição CRAS, onde era realizadas atividades de inclusão para com o social, com propostas de passeios turísticos por museus da cidade, igrejas e atrativos onde a população dizia que eram lugares onde “apenas turistas poderiam frequentar”. No artigo, Alves (2019) colheu depoimentos dos moradores que faziam parte do projeto, dentre os relatos havia uma senhora chamada Nelma Rodrigues de Oliveira, 61 anos, que ficou maravilhada com a biblioteca do museu de mineralogia da Escola de Minas, onde nunca havia ido, sendo moradora de Ouro Preto do bairro Novo Horizonte.

Observando este contexto do segundo artigo, voltamos a outro tópico anterior onde tratamos da segregação sócio espacial, além do individuo (no caso a senhora do depoimento) não se sentir pertencente à cidade, não ter uma identidade com o local onde mora, há a questão segregacionista onde não se sente no direito de frequentar os mesmos lugares do núcleo históricos, pois são “taxados para turistas” por muitos moradores justamente por não se sentirem parte do próprio local onde vivem. Nesse

sentido, “como consequência, temos implicações no âmbito social, porque os moradores não sentem que pertencem a essa realidade e deixam de conviver as experiências culturais que a cidade oferece” (ALVES, 2019, p.7).

Na oficina “Outro Olhar” já é levada outra dinâmica para que haja uma mudança no que diz respeito a educação patrimonial das crianças da cidade ouropretanas, mais precisamente do bairro Morro São Sebastião. Na oficina é orientada por educadores que contam histórias e fazem dinâmicas representativas de pertencimento e identidade demonstrando para as crianças o quão é importante este sentimento e como é gerado este sentimento, tudo mediante representações do bairro São Sebastião para que elas se encontrem inseridas, onde pela curadora de Patrimônio do Festival de Inverno de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade Ana Amaral, foram encontradosicineiros pertencentes ao bairro para que realizasse a dinâmica juntamente com as crianças. Maria Eduarda de 10 anos que seria uma das crianças participantes de uma das oficinas deu um relato onde “Para ela, a maior riqueza do Morro São Sebastião são o amor e a paz” (LESSA, 2019).

Brusadin e Leite (2020) levantam a questão onde os espaços pertencentes a uma cidade, mesmo que sejam locais onde não há tanta visibilidade, podem também se fortalecerem para que amplifique a conexão social em vista de um interesse coletivo. Nesta ideia, foi aplicado o mesmo objeto de estudo desta monografia, o Bairro Padre Faria, onde o mesmo fez parte de uma fundação patrimonial relevante para o contexto histórico da cidade, porém não há grande performance de influencia histórica relevante ao núcleo da cidade.

Nesse processo, a população local, que faz parte do cotidiano da “cidade monumento” e a que mais sofre as consequências de tais modificações é silenciada, não fazendo parte de todo o processo político mercantil que a cidade passou e vem passando. Nessas transformações, fatias espaciais de Ouro Preto foram eleitas para sua preservação e, conseqüentemente, para os investimentos econômicos, políticos e culturais a despeito de outros espaços que foram desprivilegiados, mesmo que localizados no perímetro tombado, tal como o bairro Padre Faria. (BRUSADIN; LEITE; 2020, p.405)

Desta forma, os autores trazem a perspectiva onde o Bairro Padre Faria se encontra no perímetro de patrimonialização de tombamento, onde se deu o primórdio de formação urbana da cidade, no entanto havendo uma discrepância “se dá à medida que os moradores foram criando relações próprias com o patrimônio ali estabelecido

e as novas composições urbanas formuladas com o tempo e o desenvolvimento da cidade.” (BRUSADIN; LEITE, 2020)

Por fim, podemos observar outra visão sobre a relação da cidade não revelada, uma cidade que está buscando educar e conduzir os sentimentos de pertencimento e identidade nos pequeninos que irão formar os indivíduos futuros da cidade, porém, esta é uma problemática que está fora de alcance de ser resolvida de srrapidamente. Mediante a esta problemática, iremos tratar logo em diante a questão “Porque o bairro Padre Faria não faz parte da cena turística e histórica de Ouro Preto?” A respostas são múltiplas, mas a principal parece estar na percepção dos moradores do bairro, fato ao qual optamos por seguir para essa parte final da monografia.

### 3.3 Cotidiano e memórias

As memórias fazem parte do cotidiano dos indivíduos, especialmente em suas formações indetitárias, na qual é formado o sentimento de pertencer, onde a criação de vínculo por meio das memórias é crucial para que uma sociedade se sinta parte e tenha identidade referente ao seu habitat.

[...] a memória não é a mesma coisa que lembrança, uma vez que esta remete a uma experiência individual de um acontecimento. Aquela, por sua vez, não é necessariamente uma experiência individual, pois pode reproduzir uma visão do passado compartilhada (coletiva) e que nem todos os membros que partilham dela vivenciaram. Dessa forma, a memória é uma construção que pode ser transmitida para gerações seguintes. (NEVES, 2019, p.1).

Porém, nem sempre esta construção é real e presente. O bairro Padre Faria escolhido como objeto de estudo é considerado um dos bairros que fez parte da formação da cidade de Ouro Preto, e com tanta relevância, se tornou bairro um periférico onde as pessoas que fizeram parte desta construção eram operários, nos quais hoje em dia se sentem desconexos com todo o núcleo histórico. Hanster Aparecido da Silva, nativo de Ouro Preto, criado no bairro e ainda morador, concedeu uma entrevista com relatos onde podemos enxergar que sua comunidade sofre até hoje com a falta de nexos. (Verificar o anexo de autorização de entrevista, e entrevista na integra)

Para o início da entrevista, foi sugerido que o morador do bairro relatasse um pouco sobre a construção histórica de seu bairro, onde Hanster Aparecido da Silva (2021) afirma que tudo se iniciou com a chegada dos bandeirantes que vieram com o intuito de extrair ouro da região, e com isso foi criando-se arraiais, na qual nessa criação de arraiais, foi instituído o arraial do Bom Sucesso que hoje seria o Bairro Padre Faria. Nesse arraial houve a maior concentração de ouro extraída durante o período de 1698 a 1735, fazendo com que esta região fosse considerada uma das mais importantes na época de Vila Rica (atual bairro Padre Faria), e ao decorrer das divisões dos bairros de Vila Rica, houve o surgimento da Fábrica de tecidos, na qual se inicia o surgimento de mais pessoas, cuja estas pessoas formariam o bairro Padre Faria. Também relatando sobre outra era da construção do bairro, Hanster Aparecido da Silva (2021) relata a participação de grande parte de sua família, onde fala:

[...] minha bisã também por parte de pai chega mais ou menos por volta de 1910 e meus avós por parte de mãe chegam com a Fábrica de Tecidos, e aí né começa a formar o Bairro Padre Faria, com parte forças, e parte fábrica de tintas mineral (SILVA, 2021).

Figura 1 – Bairro Padre Faria antigo



Fonte – Acervo Municipal de Ouro Preto

Uma pergunta feita ao entrevistado foi se haveriam festividades típicas do bairro, e Hanster relata uma curiosa história onde uma senhora chamada Dona Lurdes havia de ter um filho com problemas de saúde, com muita fé em Nossa Senhora

Aparecida, pediu que ela alcançasse suas graças, e seu pedido foi concebido, e desde então há 70 anos todos os dias de Nossa Senhora Aparecida, Dona Lurdes elabora uma coroação e um café. Além disso, relata a relevância da escola de samba da comunidade, na qual é passada sempre de geração em geração o costume de produzir fantasias, tocar e sair em alguma ala, que já se faz existente há mais de 50 anos. Alguns leilões de galinhas, prendas, levantamento do mastro e uma ação social onde ele e seu irmão implantaram no festival de inverno de 2019 chamada Potencia da Periferia, dispôs de oficinas e varias outras coisas voltadas para a comunidade, onde esboçaram o desejo de perpetuarem o projeto após o termino da pandemia.

Figura 2 – Escola de Samba Unidos do Padre Faria



Fonte – Arquivo Pessoal de Hanster Aparecido da Silva

Após a contextualização histórica, perguntamos: “Você acha que as pessoas da sua comunidade se sentem pertencentes e se identificam com Ouro Preto?” No intuito de traçar a problemática vista por um lado concreto, o lado de uma pessoa na qual faz parte de todo este sistema, Hanster Aparecido da Silva então se mostrou muito empolgado com a indagação na qual ele trouxe a contextualização de que o povo ouropretano seria um povo de miscigenação, periférico e, além disso, seus descendentes foram escravizados, onde todo o enredo historiográfico foi voltado

para o povo colonizador, onde ele levanta o questionamento “e aí se eu já não me sinto pertencente à história vou me sentir pertencente à cidade?”. Ele acrescenta em sua explicação que Ouro Preto foi feito para Vila Rica, onde tudo gira em torno de todo o núcleo histórico da cidade, tal que, a comunidade ouropretana ainda vive a realidade de Vila Rica, no sentido de subempregos, servidão, ocorrendo à banalização das raízes do povo nativo, e quando ocorre à oportunidade desta voz social aparecer, o povo é tornado operário.

Isso! Então esse regime que minha família chegou aqui também, entendeu? Minha mãe começou a trabalhar com 12 ou 11 anos na Fabrica de Tecido então só que esse operário que ia ser construída e esse pra brasileiro que ia ser né, se você já mostrasse para ele que as raízes deles eram fortes, aí a visão de futuro ia ser completamente, só que ai colocam o índio como vagabundo e bota o negro como burro, aquela coisa de sub humana mesmo né, todo mundo chicoteado, criam monstros para que a gente não se identifique mesmo né, ai quando você vai formando a cabeça que seriam aqueles primeiros que chegaram, ai ele não tem uma visão boa mesmo, ele so fica tendo essa visão eurocêntrica e nunca vai ter uma noção de pais. (SILVA, 2021).

Hanster Aparecido da Silva (2021) também complementa que conversando com seus companheiros de trabalho na mina onde trabalha, que começaria a propor aos moradores que nunca estiveram ao museu da inconfidência ou os outros museus existentes, a não irem, que conhecessem primeiro uma mina, pois “como nós somos descendentes dos operários, então nosso turismo agora vai ser focado mais nisso, pro ouropretano mesmo e ai mostrar essa raiz dele”, para que nesse caso, o nativo comesse ter essa consciência de identidade e pertencimento com sua própria história, se identifique e fortaleça suas raízes, tendo em mente que ele é essencial para a construção do lugar onde vive.

Lugares materiais onde a memória social é ancorada e pode ser aprendida pelos sentidos, são lugares funcionais que têm como objetivo alicerçar as memórias coletivas é lugares simbólicos onde permitem a revelação e expressão da memória. (NORA, 1993, p. 37).

Chegando ao final da entrevista, foi realizada uma pergunta crucial: “Porque você Hanster, como morador nascido e criado em Ouro Preto acha que seu bairro Padre Faria não faz parte da cena turística de Ouro Preto?” Hanster Aparecido da Silva elucida que, basicamente, a construção do centro histórico foi erguida por tropeiros e suas famílias a partir de 1700, no entanto suas historias estão se perpetuando pelos seus descendentes, lembrando que o bairro Padre Faria (antigo Arraial do Bom

Sucesso) nesta época, por mais que fosse parte da construção histórica de Ouro Preto, não era muito povoado, onde somente a partir de 1910 o bairro se tornou sólido. Porém há um marco histórico onde a primeira igreja de Vila Rica começa no denominado bairro, mas como hoje é considerado um bairro periférico os turistas já chegam ao núcleo histórico, já é mostrado os museus e as igrejas do centro, a comercialização central da cidade, inferiorizando a real Ouro Preto, centralizando o dinheiro num mesmo grupo de pessoas, segundo ele.

[...] A história da galera mesmo então eles vão ganhar dinheiro com isso, e aí se você for pertencer lá é cozinheiro, é copeira, é garçom né, vamos concentrar o dinheiro na onde que faz dinheiro, então por isso que sai dessa cena (SILVA, 2021).

Para complementar a última pergunta, foi elaborada uma pergunta de encerramento de como eles (do bairro) buscariam este pertencimento, Hanster Aparecido da Silvaentão explica que isto é um processo histórico periférico, onde “a luta do índio no Brasil sempre foi por terra, e a luta do negro sempre foi por reconhecimento”, onde a partir do momento que há a miscigenação, a busca por identidade acaba se tornado mais difícil. Ele então fala que a busca desta ressignificação da história da cidade contada através da parte operária e escravista, faz com que esse sentimento de pertencimento aflore como incentivo de identidade para a comunidade e as futuras prosperas gerações.

Falamos o nome de Ouro Preto né, mas vivemos Vila Rica, então tem que ter uma política pública de Ouro Preto para Ouro Preto, não da mais pra Vila Rica para Ouro Preto é, e outras coisas são outras dores né, outras águas, então é isso eu acho (SILVA, 2021).

Figura 3 – Bairro Padre Faria atual



Fonte – Arquivo Pessoal de Hanster Aparecido da Silva

Tendo em vista o relato trazido na entrevista, podemos concluir que, é de suma importância ressaltar como a falta de identidade e pertencimento de uma comunidade pode afetar gravemente a estrutura social de uma cidade, trazendo assim uma visão desconexa de uma sociedade em relação ao meio ao qual ela pertence.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar os pontos iniciais sobre o presente trabalho, se fez presente o intuito de apurar o impacto identitário e pertencente dos moradores da cidade de Ouro Preto, mais precisamente como objeto de estudo, os moradores do bairro Padre Faria, onde foi abordado conceitos de identidade, pertencimento e alteridade, e como a falta desses sentimentos geram problemas como a segregação espacial levando a problemática de que o bairro não está inserido na cena turística da cidade.

Deste modo, como metodologia de pesquisa foi realizada uma entrevista com um morador nascido e criado no bairro onde toda a sua família teve influencia na criação do bairro, tal que, mediante a entrevista prestada, podemos afirmar que o bairro Padre Faria não faz parte da cena da cidade e muito menos a comunidade se sente pertencente à cidade por diversos motivos, em especial pela trajetória histórica da cidade onde sua formação teve inicio colonial ao redor dos colonizadores e a formação do bairro foi periférica, e, além disso, a história real da comunidade ouropretana não é mostrada e exaltada como deveria ser, sendo uma vertente velada de todo cenário histórico, sendo assim a comunidade não se identifica, pois não se enxerga na própria história de criação, evolução e identidade de sua cidade.

Em vista disto, uma sociedade que não pertence e não se identifica com o ambiente em que vive, tem a necessidade de implementações de atividades para estimular a educação histórica identitária de suas raízes, no caso da cidade de Ouro Preto, iniciativas a partir da Prefeitura Municipal, instituições como a Universidade Federal de Ouro Preto e grupos sociais municipais, já fariam uma grande diferença na influencia dessa mudança positiva na transformação social da comunidade. Tal que, o presente trabalho possibilita estudos futuros no âmbito da pós-graduação nas vertentes de uma análise mais aprofundada sobre a construção do bairro, juntamente com as questões levantadas através a pesquisa “a busca de pertencimento dos moradores do bairro Padre Faria”.

Grandes limitações puseram a prova para a realização do presente trabalho, dentre eles o maior foi o fator pandemia, onde houve o isolamento para evitar a propagação

do vírus, no qual dificultou a coleta dos dados físicos da pesquisa de campo, porém, houve a reinvenção pessoal e tecnológica que proporcionou que este trabalho pudesse ser concluído.

Está pesquisa poderá gerar frutos futuros no intuito de estudar e apurar fatores que desencadearam esta segregação sócio espacial da comunidade do bairro Padre Faria, onde toda a fundação do bairro não é citada e nem relevante para a construção central da cidade.

Contudo, é gratificante poder dar voz a esta comunidade e mostrar que eles fazem parte da construção de Ouro Preto, ter chegado a uma conclusão lúcida com a ajuda de um morador que foi imprescindível, poder mostrar pra outras pessoas que existem outras comunidades que não são vistas no núcleo histórico da cidade de Ouro Preto, onde estas, não se sentem pertencentes a toda cena turística e histórica por falta elo identitário.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Kerley dos Santos, BERNADINO, Mariany Donato Bernardino. Conviver: sentimento de pertencimento no processo de inclusão dos moradores da cidade turística, Ouro Preto (MG). *Alemur* vol. 4 (2019). Disponível em:<<https://www.periodicos.ufop.br/alemur/article/view/1984>.> Acesso em: 24 jul. 2021.

ALVES, Ana Claudia Nunes. Identidade do Lugar e Memória: o papel do afeto na preservação e uso de espaços públicos. **Fórum Habitar, Belo Horizonte/MG-de**, v. 8, 2017. Disponível em:<[https://www.researchgate.net/publication/327317884\\_Identidade\\_do\\_lugar\\_e\\_memoria\\_o\\_papel\\_do\\_afeto\\_na\\_preservacao\\_e\\_uso\\_de\\_espacos\\_publicos](https://www.researchgate.net/publication/327317884_Identidade_do_lugar_e_memoria_o_papel_do_afeto_na_preservacao_e_uso_de_espacos_publicos).> Acesso em: 24 mai. 2021.

BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. 4 a ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória (1979)**. Disponível em:<<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/48342-aprova-o-estatuto-da-fundauuo-nacional-pro-memoria-e-da-outrasprovidencias.html>.> Acesso em: 27 mai. 2021.

BRASIL. **Plano Museológico do Museu da Inconfidência 2019-2022**. Ministério da Cidadania e Ação Social Secretaria Especial da Cultura Instituto Brasileiro de Museus – Ibram Museu da Inconfidência, 2019. Disponível em:<<https://museudainconfidencia.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/Plano-Museol%C3%B3gico-do-Museu-da-Inconfid%C3%Aancia-2019-2022-1.pdf>.> Acesso em: 05 jun. 2021.

BRUSADIN, Leandro; LEITE, Paula. **A dualidade socioespacial de Ouro Preto (MG) dentre a patrimonialização global e as táticas cotidianas locais**. Constitucionalismo e Meio ambiente, Tomo I: constitucionalismo latino-americano e a ética. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em:<<https://static.scielo.org/scielobooks/7j8bc/pdf/carvalho-9788579820052.pdf>.> Acesso em: 10 jun. 2021.

COSTA, Everaldo Batista da; MOESCH, Marutschka Martini. **Território – locus da dádiva e núcleo davida**. In: Brusadin, Leandro Beneditin. (Org.). **Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Prismas, 2017.

DIAS, José Ramos. Apontamentos históricos do sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto. Ouro Preto: UFOP/ Escola de Farmácia, 1989.

ESTEVIÃO-REZENDE, Yuri Alexandre; AZEVEDO, Leonardo Francisco de. A Ouro Preto que não está no retrato: contando a cidade e capturando cenários sob a perspectiva dos seus moradores. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 26, 2020. Disponível em:<[47TTP47://journals.openedition.org/pontourbe/8456](http://journals.openedition.org/pontourbe/8456).> Acesso em: 15 jul. 2021.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana – Dossier de Restauração OP/46 (Fundação João Pinheiro, Iepha-MG, Iphan, PMOP e PMM), 1973-1975.** Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=48685&codusuario=0>.> Acesso em: 24 jul. 2021.

GOMES, Alberto Coelho de Magalhães. Escola de Farmácia de Ouro Preto. Apontamentos históricos. **O Pharmaceutico Brasileiro**, Ouro Preto, ano IV, v. II, n.º 16, p. 8-10, dez. 1929.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JACOBS, Jane. The Death and Life of Great American Cities. Randoms House, New York. **Book Unpublished resources**, 1961.

LESSA, Raíssa. **Oficina “Outro olhar” ensina educação patrimonial e pertencimento às crianças do Morro São Sebastião.** Festival de Inverno, Ouro Preto, Mariana e João Molevade, 2019. Disponível em:<<https://festivaldeinverno.ufop.br/noticias/oficina-%E2%80%99Coutro-olhar%E2%80%99D-ensina-educa%C3%A7%C3%A3o-patrimonial-e-pertencimento-%C3%A0s-crian%C3%A7as-do>.> Acesso em: 20 jul. 2021.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Trad. Maria Cristina Tavares. Lisboa, Portugal: Edições, v. 70, 1999.

MACHADO, Otávio Luis. As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 197-199, 2003. Disponível em:<[47TTP47://journals.openedition.org/rccs/1174](http://journals.openedition.org/rccs/1174).> Acesso em: 30 jul. 2021.

MENICONI, Rodrigo Otávio. **A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto.** (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MORAIS, Cláudia, MIRANDA, Bruna. República estudantis: A tradição como potencialidade turística em Ouro Preto MG. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. Dissertação (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual De Campinas, 2014.

MOURÃO, Rui. **O Museu da Inconfidência – Ouro Preto/MG**. São Paulo: Editora Banco Safra, 1995.

NEVES, Daniel. Dicas de aula sobre memória e história. **BrasilEscola**, 2019. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/dicas-aula-sobre-memoria-historia.htm>.> Acesso em: 24 jul. 2021.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <[48TTP48://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763](http://48TTP48://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763).> Acesso em: 30 jul. 2021.

PEREIRA, Edilson. **Patrimônios, tempos e “tradições” de Ouro Preto**. Portal IPHAN, Rio de Janeiro 2017. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Produto%203%20aprovado\\_BR15.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Produto%203%20aprovado_BR15.pdf).> Acesso em: 24 jul. 2021.

PIFANO, Raquel Quinet. A concepção arquitetônica de Aleijadinho–Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto. **Locus: Revista de História**, v. 2, n. 2, 1996. Disponível em: <[48TTP://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20431](http://48TTP://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20431).> Acesso em: 24 jun. 2021.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Volume 1, IPHAN, 2011. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8\\_BarrocoRococolgrejasOuroPretoMariana\\_vol1.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColRotPat8_BarrocoRococolgrejasOuroPretoMariana_vol1.pdf).> Acesso em: 24 jul. 2021.

OURO PRETO. **Santuário Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias**. Disponível em: <<https://www.ouopreto.com.br/atrativos/religiosos/igrejas/santuario-de-nossa-senhora-da-conceicao-de-antonio-dias>.> Acesso em: 12 jun. 2021.

QUEIROZ, Hélcio; QUERASIAN, Marta. **República Tabu: 60 anos muito bem vividos**. OuroPreto: RepúblicaTabu, 2010.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

RANGEL, Ana Paula Silva dos Santos. Aspectos da demografia escrava em Vila Rica – 1755-1815. **Anais do I colóquio do Lahes**, UFJF, Juiz de Fora, 2005.

RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. **Ouro Preto. Sesquicentenário da elevação de Vila Rica à Categoria de Imperial Cidade de Ouro Preto. 1823-1973.** Catálogo da exposição. Rio de Janeiro, 1973. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/30136>.> Acesso em: 14 mai. 2021.

SILVA, Jéssica Soares; SILVA, **Lucas Ariel Azeredo Sales Gama e.** O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. **Sociologias Plurais**, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/view/68207/39074>.> Acesso em: 30 jul. 2021.

SOUZA, Wladimir Alves de Souza. **Guiados Bens Tombados – Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1984.

STEPHAN, Ítalo; RABELO, Noara. A segregação socioespacial nas cidades históricas de Minas Gerais: uma análise de Diamantina, MG. **GOT: Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 18, p. 38, 2019. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/133d46ac0ad7f1912ebf9e86214c0d6c/1?p-q-origsite=gscholar&cbl=3882644>.> Acesso em: 18 jul. 2021.

TRIGUEIRO, Kátia. Peculiares costumes locais e a percepção dos moradores em relação à atividade turística local-Ouro Preto–MG. **V Seminário ANPTUR**, 2008. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/37.pdf>.> Acesso em: 30 jul. 2021.

VIEIRA, Liliane de Castro. Largo do Coimbra, Ouro Preto: a trajetória de um espaço frente ao pensamento moderno e à política de preservação da SPHAN. **6º Seminário Docomomo Brasil – Niterói**, 16 a 19 Novembro de 2005. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Liliane-de-Castro-Vieira.pdf>.> Acesso em: 10 jul. 2021.

YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the politics of belonging. **Patterns of prejudice**, v. 40, n. 3, p. 197-214, 2006.

## ANEXO

### Declaração de Conhecimento e Autorização de Publicação

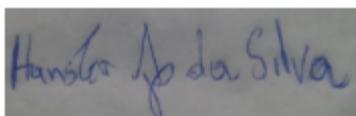
Declaro que eu, HANSTER APARECIDO DA SILVA, portador (a) do RG nº Mg 16.123.944, residente à Rua Santa Rita n 725 - Bairro Padre Faria em OURO PRETO, li o conteúdo da entrevista realizada em 19 DE JULHO DE 2021 e concordo em ser informante da pesquisa "AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE-PATRIMÔNIO DE OURO PRETO (MG): paradoxos da hospitalidade para o exercício da cidadania", orientada pelo Prof DR LEANDRO BRUSADIN, do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado. Autorizo a publicação destes dados para fins acadêmicos e científicos.

0

Ouro Preto, 11 de AGOSTO

de 2021.

Assinatura do Participante



## APÊNDICE

### Entrevista na íntegra

**ANA ALICE:** ENTÃO HANSTER BOA NOITE, VAMOS COMEÇAR? A PRIMEIRA PERGUNTA QUE EU GOSTARIA DE SABER SERIA A HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DO SEU BAIRRO, VOCE PODE ME CONTAR UM POUCO DE COMO FOI?

**HANSTER:** OI, TUDO BEM SIM, NÃO VOU NEM MENTIR QUE EU ESTAVA DORMINDO NÃO (RISOS). ENTÃO POR ONDE COMEÇA, ENTÃO COMEÇA MESMO COM A VINDA DOS BANDEIRANTES NÉ, PORQUE O PRIMEIRO ARRAIAL QUE ELES POBRE ASSIM QUE ELES COMEÇAM A MESMO FAZER EXTRAÇÃO DO OURO, É O ARRAIAL DO BOM SUCESSO QUE AÍ SERIA O ARRAIAL QUE O PADRE FARIA O MESMO DO BAIRRO AQUI, QUE ESTE “BUNT” MESMO VEIO COM A ILHA DE SÃO SEBASTIÃO, E AI FICA NESTA REGIAO DO BONSUCESSO QUE DEPOIS MAIS TARDE TERIA O NOME DELE, NESSE ARRAIAL DO BOM SUCESSO FOI AÍ AONDE TEVE A MAIOR CONCENTRAÇÃO DE OURO QUE FOI EXTRAÍDO É DE 1698 ATÉ 1735, CHEGA SAIR DAQUI DESSE ARRAIALMAIS DE 600 TONELADAS DE OURO MUITO QUE SAIA DESSA REGIÃO DA REGIÃO ONDE O BAIRRO PADRE FARIA FOI A REGIÃO MAIS IMPORTANTE DE OURO PRETO NO COMEÇO E AÍ QUANDO COMEÇA A DIVISÃO DE BAIROS ASSIM É QUANDO VEM A FÁBRICA DE TECIDOS , DE FORÇA, FERROVIA ROSA E EXPLORAÇÃO DE OURO, ONDE COMEÇA A TER PESSOAS DE OURO PRETO UMA ÉPOCA QUE NÃO TINHA NINGUÉM MESMO, E AÍ O PADRE FARIA QUE NA REGIÃO QUE VOLTA NÉ COMEÇAR A TER OURO PRETO UMA INDÚSTRIA, UMA COISA ASSIM E AÍ TEVE FÁBRICA DE TECIDO ,FERROVIA E ESSA USINA DE FORÇA E AÍ OS MORADORES BAIRRO PADRE FARIA COMEÇAM A APARECER NESTA ÉPOCA NA FÁBRICA DE TECIDOS E DA USINA DE FORÇA AÍ É MINHA FAMÍLIA CHEGA NO BAIRRO NESSAS VERTENTES, AÍ MINHA VÓ MINHA BISAVÓ, TEVE TAMBÉM A FÁBRICA DE TINTAS MINERAIS , MINHA BISA TAMBÉM POR PARTE DE PAI, CHEGA MAIS OU MENOS POR VOLTA DE 1910 E MEUS AVÓS POR PARTE DE MÃE, CHEGAM COM A FÁBRICA DE TECIDOS E AÍ NÉ COMEÇA A FORMAR O BAIRRO PADRE FARIA COM PESSOAS QUE TRABALHAVAM NA FABRICA DE TECIDOS E PARTE FERROVIA, PARTE FORÇAS E PARTE FÁBRICA DE TINTAS MINERAL E AÍ COMEÇA A TER TAMBÉM A EXTRAÇÃO DA PEDRA QUARTZITO AÍ ENTÃO AS VERTENTES FAMÍLIAS QUE VIERAM A TRABALHAR AQUI MAIS OU MENOS COM ESSAS EXTRAÇÕES. E AÍ QUANDO VAI SE FORMANDO O BAIRRO JÁ COMEÇA APARECER ESCOLA DE SAMBA NÉ PRIMEIRA COISA QUE VEM ASSIM ENTÃO ASSIM PRIMEIRO NESSA FORMAÇÃO COM ESSA GALERA INDUSTRIAL NÉ, DA SIDERURGIA NE, SIDERURGIA NÃO, TECELAGEM NÉ, AI DEPOIS VEM AS ESCOLAS DE SAMBA. AÍ TEVE O IMPÉRIO DO MORRO SANTANA, É PORQUE A LIGA CARNAVALESCA COMEÇA COM TRÊS ESCOLAS DE SAMBA E AÍ PRIMEIRO É O ZÉ PEREIRA DOS LACRAIOS QUE TEM 156 QUE A AGREMIAÇÃO MAIS ANTIGA DA AMÉRICA LATINA NÃO SEI SE É DO MUNDO MAS VOCÊ É DA AMÉRICA LATINA E A IMPÉRIO DO MORRO QUE TEM 75 ANOS MAIS OU MENOS E A DO PADRE FARIA QUE TEM 50 ANOS E PRECISOU DE EU FARIA PARA COMEÇAR A LIGA ASSIM APESAR DE OS TRÊS PRIMEIROS ANOS O PADRE DE FARIA E O MORRO SANTANA PERDEU PARA O ZÉ PEREIRA MAS AÍ PENSA NÉ TODO BAIRRO PERIFÉRICO ASSIM TEM UMA ESCOLA DE SAMBA.

MAS O PADRE FARIA FOI PIONEIROASSIM EM ESCOLA DE SAMBA, ENTÃO AS MEMÓRIAS QUE MAIS A COMUNIDADE VAI TER DO BAIRRO É LIGADO A ESCOLA DE

SAMBA AQUI TODO MUNDO TEVE ALGUÉM DA FAMÍLIA O QUE AJUDOU FAZER FANTASIA, AJUDOU NO CARRO OU TOCOU E SAIU EM UMA ALA O TEM ALGUMA COISA AQUI MAS TEM UMA COISA RELACIONADA À ESCOLA DE SAMBA AÍ TEM UMA FESTA TRADICIONAL PERTO DA MINHA CASA TEM UMA FESTA QUE TEM MAIS OU MENOS UNS 70 ANOS E QUE A FESTA DA BROA QUE É MUITO MASSA ASSIM QUE UMA SENHORA AQUI ELA CHAMA DONA LURDES E AÍ O FILHO DELA TAVA ACHO QUE NASCEU COM PROBLEMA LÁ ,E ELA PEDIU PARA NOSSA SENHORA APARECIDA ALCANÇAR AS GRAÇAS LÁ PARA NÃO DEIXAR O FILHO DELA MORRER, AI ALCANÇOU SUAS GRAÇAS E AÍ TODO DIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA ELA FAZIA UMA COROAÇÃO E DAVA UM CAFÉ, SÓ QUE JÁ TEM 70 ANOAS QUE FAZ ESSA FESTA TAMBÉM ENTÃO DEPOIS EU TE MANDO UMA FOTO E NÓS JÁ TÁ AQUI TENTANDO NO INSTAGRAM QUE NOSSA FICA LOTADO. OUTRO BAIRRO TAMBÉM JÁ PARTICIPOU OU FOI COLOCADO NA COROAÇÃO ENTÃO É UMA FESTA MUITO IMPORTANTE TAMBÉM ASSIM É A FESTA DA BROA.

**ANA ALICE:** ALEM DESSAS FESTAS, TEM OUTRAS FESTIVIDADES QUE SÃO DO BAIRRO EM SI? TIPO FESTIVIDADES CULTURAIS DO BAIRRO, NÃO SEI SE VOCÊS TEM TIPO ALGUMA FESTA JUNINA NO BAIRRO, OU ALGO DO TIPO.

**HANSTER:** ENTÃO, AQUI NA COMUNIDADE TEM OS LEILÕES QUE SÃO BACANA, QUE AS PESSOAS FICAM VENDENDO GALINHAS, AS PRENDAS, AÍ TEM O LEVANTAMENTO DO MASTRO, COISAS QUE SURTIRAM A 70 ANOS ATRAS NE, DE FALANDO DA

NÃO, É PORQUE EU ACHO QUE FESTA JUNINA NORMAL AQUI, NO ANO PASSADO, ANO PASSADO NÃO, QUANDO TAVA PODENDO ACONTECER FESTIVAIS AINDA, AÍ MEU IRMÃO ELE É FILÓSOFO E ELE TAVA TRABALHANDO NO FESTIVAL DE INVERNO A GENTE COMEÇOU DESEMBOLAR UM PROJETO AQUI NO POTENCIA DA PERIFERIA, QUE ERA UM FESTIVAL DE INVERNO VOLTADO MAIS PARA A COMUNIDADE ASSIM, PRIMEIRO EVENTO ATE FICOU BACANA, TEVE O PK TEVE AI, FOI TOP DEMAIS, TEVE UMA GALERA MASSA, TEVE OFICINAS, AO MENINOS GRAVARAM UM VIDEO COM ELE (PK), FOI MASSA SIM.

**ANA ALICE:** VOCÊ ACHA QUE SE TIVESSE OUTRO FESTIVAL DE INVERNO VOCÊS FARIAM ESTE EVENTO NOVAMENTE?

**HANSTER:** COM CERTEZA SE TIVESSE OUTRO FESTIVAL DE INVERNO, PROJETO BACANA DELE DE FAZER TAMBÉM QUE JÁ TEVENA VERDADE UMA VEZ MAS A GENTE QUER QUE CONTINUA NÉ, NÃO É TRADIÇÃO MAS É UMA COISA BACANA . A QUEIMA DO JUDAS AQUI TAMBÉM É MUITO ANTIGA, MAS EU ACHO QUE É UMA COISA CORRIQUEIRA TAMBÉM.

**ANA ALICE:** AGORA CHEGOU A HORA DE UMA PERGUNTA QUE A MEU VER É UM POUCO COMPLEXA, PORQUE EU MESMA FIQUEI ME QUESTIONANDO ISSO AO DECORRER DO TRABALHO E NÃO TERIA MELHOR PESSOA PARA ME DIZER DO QUE VOCÊ, VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS DA SUA COMUNIDADE SE SENTEM PERTENCENTES E SE IDENTIFICAM COM OURO PRETO?

**HANSTER:** NA VERDADE NÃO É UMA PERGUNTA COMPLEXA NÃO, É UMA PERGUNTA MUITO TOP ESSA AÍ, PORQUE OURO PRETO É CONHECIDO POR VILA

RICA, TEMPO DE VILA RICA, E AÍ O NEGÓCIO QUE EU FALEI MAS ANTES NÉ, QUE O POVO CHEGA, POVO DE OURO PRETO CHEGA EM 1910, E OURO PRETO É CONHECIDO POR 1700, E O POVO DE OURO PRETO É UM POVO DA PERIFERIA, UM POVO MISCIGENADO, QUE ESSE DESCENDENTES DELES E FORAM ESCRAVIZADOS E AÍ VOCÊ TEM UMA HISTÓRIA PORTUGUESA, UMA HISTÓRIA QUE FALA DE ESCRAVIZADOS UMA HISTÓRIA RUIM, E AÍ SE EU JÁ NÃO ME SINTO PERTENCENTE A HISTÓRIA VOU ME SENTIR PERTENCENTE A CIDADE? E OURO PRETO FOI FEITA PARA VILA RICA, OURO PRETO FOI FEITA EM PROL DESSE CENTRINHO AÍ, ENTÃO ASSIM, SALÁRIOS MÍNIMOS MAIS DOS MAIS BAIXOS POSSÍVEIS ENTÃO FICA SEMPRE SUBSÍDIO OURO PRETO E POR ISSO O OUROPRETANO NÃO SE IDENTIFICA NÉ, ENTÃO NA VERDADE NÉ QUE SE IDENTIFICA POR OURO PRETO E SIM COM VILA RICA, PELA HISTÓRIA QUE TEM VILA RICA E AÍ ELE SABE QUE ELE É OUROPRETANO, SÓ QUE AÍ NÃO CONSEGUE ENCAIXAR AS DUAS COISAS PORQUE SÃO HISTÓRIAS COMPLETAMENTE DIFERENTES.

SO QUE QUANDO VOCÊ VAI DAR VOZ A COMUNIDADE, VOCÊ MEIO QUE TORNA ELA OPERÁRIA NÉ, ENTÃO VOCÊ NÃO PODE PENSAR EM TER ESSAS RAÍZES BOAS ASSIM QUANTO MENOS VOCÊ DER REFERÊNCIA HISTÓRICA NÉ, QUE É O QUE A GENTE TÁ BUSCANDO AQUI AGORA NÉ, QUANTO MENOS REFERÊNCIA HISTÓRICA E GEOGRÁFICA PARA COMUNIDADE MAIS ELA VAI BRIGAR E MAIS VAI SER FÁCIL MANIPULAR, AÍ ENTÃO OURO PRETO EU ACHO QUE ATÉ HOJE NÃO MUDOU MUITO POR CAUSA DISSO NÉ, CONTINUA REFEM DESSE CRISTIANISMO COMO AS IRMANDADES NÉ, QUE AS FESTIVIDADES SÃO QUASE TODAS VOLTADAS AÍ PARA O CALENDARIO CRISTÃO, E NÃO SE IDENTIFICAR COM A HISTÓRIA PORQUE TIPO ASSIM, NÃO OURO PRETO MAS A PERIFERIA DO BRASIL INTEIRA É DESSA É DESSE JEITO ENTENDEU, ENTÃO É POR ISSO QUE NÃO SE SENTE PERTENCENTE COMO QUEM É DO RIO DE JANEIRO E AÍ QUANDO VAI LÁ VER O RIO DE JANEIRO NÉ, ESSES MONUMENTOS ANTIGOS ASSIM NÉ, PORQUE A HISTÓRIA MESMO É NA ROCINHA, ENTÃO SIM EU VOU TE CONTAR COMO É QUE CRESCEU ESSE PRÉDIO AQUI, MAS NÃO TEM NADA HAVER COM ESSE DE 1700. E TAMBÉM A HISTÓRIA DO BRASIL MESMO ELA SE CONTA ELA SÓ ATÉ QUANDO SE TORNA REPÚBLICA NÉ, E AÍ A GENTE VOLTA A FALA DE HISTÓRIA DO BRASIL SÓ AI POR 1970, QUE QUANDO PELÉ GANHA COPA E AÍ VOCÊ VÊ UM PRIMEIRO, CLARO QUE JÁ TINHA VÁRIOS PRETOS IMPORTANTES MAS AÍ É A HORA MÍDIA CHEGA NÉ, E JÁ TEM BRAHMA , JÁ TEM E AÍ COMEÇA O MARKETING.

**ANA ALICE:** VOCÊ FALANDO ASSIM ME FEZ LEMBRAR DE UMA QUESTÃO QUE NA HISTÓRIA, SÓ É CONTADO O LADO QUE GANHOU, E NO CASO O LADO DA MINORIA FICA PARA TRAZ.

**HANSTER:** É ISSO! É ISSO! AÍ QUANTO MENOS VOCÊ DAR REFERÊNCIA A ESSES DESSAS RAÍZES, AÍ E QUANTO MAIS DETURPAR A VISÃO DAS RAÍZES, MAIS ASCO ESSA POPULAÇÃO E SUAS RAÍZES NÉ E VAI LUTAR ENTÃO NÃO VAI SE IDENTIFICAR MESMO, ENTÃO É ISSO QUE ACONTECE AQUI NO PADRE FARIA QUE EU ACHO QUE ACONTECE NO BRASIL, ACHO QUE NÃO É SO NO ESPAÇO DO PADRE FARIA, PORQUE NÉ VOCÊ TEM UMA HISTÓRIA DE 1700 NÉ E AÍ VEIO A MIGRAÇÃO ITALIANA E ALEMÃ SEI O QUÊ QUE TAMBÉM ACONTECE UMA ESCRAVIDÃO AÍ GENTE POR QUE A ESCRAVIDÃO DAS INDÚSTRIAS TAMBÉM OCORREU E TIPO O

OITO DE MAIO NÉ DAS MULHERES É PORQUE MORREU NÉ VÁRIAS OPERÁRIAS POR DE REGIME DE ESCRAVIDÃO

**ANA ALICE:** A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NE

**HANSTER:** ISSO! ENTÃO ESSE REGIME QUE MINHA FAMÍLIA CHEGOU AQUI TAMBÉM, ENTENDEU? MINHA MÃE COMEÇOU A TRABALHAR COM 12 OU 11 ANOS NA FÁBRICA DE TECIDO ENTÃO SÓ QUE ESSE OPERÁRIO QUE IA SER CONSTRUÍDA E ESSE BRASILEIRO QUE IA SER NÉ, SE VOCÊ JÁ MOSTRASSE PARA ELE QUE AS RAÍZES DELES ERAM FORTES, AÍ A VISÃO DE FUTURO IA SER COMPLETAMENTE SÓ QUE AI COLOCAM O INDIO COMO VAGABUNDO E BOTA O NEGRO COMO BURRO, AQUELA COISA DE SUB HUMANA MESMO NÉ TODO CHICOTEADO, CRIAM MONSTROS PARA QUE A GENTE NÃO SE IDENTIFIQUE MESMO NÉ E AÍ QUANDO VOCÊ VAI FORMANDO A CABEÇA QUE SERIAM AQUELES PRIMEIROS QUE CHEGARAM AÍ, ELE NÃO TEM UMA VISÃO BOA MESMO, ELE SO FICA TENDO ESSA VISÃO EUROCENTRICA E NUNCA VAI TER UMA NOÇÃO DE PAÍS. ENTÃO AÍ MAS O FODA QUE ASSIM, COMO OURO PRETO ESTA INTEIRAMENTE LIGADO À FORMAÇÃO DO BRASIL PORQUE SE NÃO FOSSE O OURO DE OURO PRETO, NÃO TERIA O BRASIL QUE A GENTE TEM HOJE NÉ, E ASSIM, E NÃO É PELA QUANTIDADE DE OURO TAMBÉM QUE SE SAIA DE OURO PRETO, E SIM PELO MOMENTO QUE SAIU O OURO, PORQUE SE NÃO TIVER SAÍDO OURO EM 1.700 E PORTUGAL PAGADO NA INGLATERRA ESSA DÍVIDA AINDA TER FEITO A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, A GENTE NÃO TAVA CONVERSANDO AQUI AGORA DE CELULAR ENTENDEU?! ENTÃO E AÍ COMO TEM ESSA TODA HISTÓRIA DO BRASIL E DEPOIS OURO PRETO NÉ COMEÇA A GERAR PESSOAS ASSIM E VOCÊ NÃO CONTA HISTÓRIA DA COMUNIDADE, OURO PRETO FICA SENDO É O LUGAR DE CASÁRIOS ANTIGOS QUE NÃO FAZ SENTIDO ASSIM PRO OUROPRETANO MESMO, ENTÃO

**ANA ALICE:** ACABA QUE O POVO NATIVO É TOTALMENTE BANALIZADO E SUA VERDADE NÃO É MOSTRADA, ENTÃO NÃO SE SENTEM NO DIREITO DE APROVEITAR O PRÓPRIO ESPAÇO.

**HANSTER:** NO TRABALHO MESMO CONTINUA COMO OPERARIO, É A CAMAREIRA É A COZINHEIRA NÉ, É NESSAS HORAS QUE APARECE O OUROPRETANO.

**ANA ALICE:** ISSO ME FAZ PENSAR EM UMA PARTE QUE EU ESTAVA ESCRREVENDO MEU TCC ONDE ENCONTREI UM ARTIGO ONDE RELATAVA UMA EXPERIENCIA DE UMA SENHORA QUE MORAVA NO BAIRRO NOVO HORIZONTE AI EM OURO PRETO, ELA JÁ TINHA SEUS 60 E POUÇOS ANOS E NUNCA TINHA IDO AOS MUSEUS DA CIDADE.

**HANSTER:** É ISSO! EU JÁ ESTOU ESSES DIAS LÁ NA MINA A GENTE TAVA ATÉ TROCANDO UMA IDEIA PARA PROPOR ISSO AÍ, SE VOCÊ NÃO FOI NO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, NÃO VAI, VISITE UMA MINA DE OURO, PORQUE SE FOR PARA COMEÇAR A HISTÓRIA, ENTÃO ESSA HISTÓRIA QUE TÁ NO BAIRRO QUE É SE FOR OLHAR O COMEÇO É ALI QUE EU COMEÇO MESMO NÉ QUE COMO NÓS SOMOS DESCENDENTES DOS OPERÁRIOS ENTÃO O NOSSO TURISMO AGORA VAI SER FOCADO MAIS NISSO, PRO OUROPRETANO MESMO E AÍ MOSTRAR ESSA RAIZ DELE NÉ.

O PRINCIPAL DE TUDO QUE EU ESQUECI DE CITAR O REINADO DO CONGADO MEU DEUS DO CÉU NÃO FALEI, PORQUE A TRADIÇÃO MAIS ANTIGA DE TODAS , A GENTE VAI BUSCANDO OUTRAS REFERENCIAS E ACABA ESQUECENDO DA PRINCIPAL. O REINADO, AS REFERENCIAS DELES É DESDE 1740 MAIS OU MENOS, E AÍ VAI MAIS DE 200 PARTICIPANTES NÉ COM QUE 42 GUARDAS DE CONGADO NO MÍNIMO, TUDO UMA GRANDE TOUR, COMO VOCÊ NÃO SE SALDA NÉ UM CARA QUE NÃO EXISTE COM NO MINIMO 42 GUARDAS DE FOLGADA ENTÃO MAS OUTRA COISA É PRO NEGRO ELE TAMBÉM NÃO TEM REFERÊNCIA MESMO É UM QUANTO MENOS NÉ AÍ EU JÁ FALO NEGRO MAS DIZENDO BOM MINEIRO PORQUE SE A GENTE CONTINUAR SEMPRE FOCADO NÉ É PORQUE COMO BRASILEIRO NÃO TEM ESTRUTURADA AÍ FICA DIFÍCIL PENSAR NELE COMO BRASILEIRO É SÓ QUE EU JÁ TENHO ESSA VISÃO DAS RAIZES, EU SEI DAS IMPORTANCIA DAS RAIZES, O BRASILEIRO SE PERDE POR CONTA DISSO, VIVENDO NESSA TRIADE DE EUROPA, E EUROPA COM ÁFRICA ÍNDIO NÉ ELE NÃO VAI CONSEGUIR VER UM LADO BOM NA HISTÓRIA HORA NENHUMA NÉ, PORQUE AS HISTÓRIAS DELE SEMPRE FORAM DE SOFRIMENTO NÉ ENTÃO MAS QUANDO VOCÊ COMEÇA A VER O BRASILEIRO NÉ E COMEÇA A VER AS COISAS BOAS QUE O BRASILEIRO COMEÇOU A CONSTRUIR, AÍ VOCÊ JÁ COMEÇA A TER UMA VISÃO MELHOR SÓ QUE TODA A NOSSA EDUCAÇÃO FOI BASEADO EM VIOLÊNCIA EM ESTUPRO ENTÃO É COMPLICADO MESMO MAS É É ISSO.

**ANA ALICE:** ENTÃO AGORA DEPOIS DISSO TUDO VAMOS PARA ULTIMA PERGUNTA E PRINCIPAL QUE IRÁ FECHAR COM CHAVE DE OURO O TRABALHO, PORQUE VOCÊ HANSTER, COMO MORADOR NASCIDO E CRIADO EM OURO PRETO, ACHA QUE SEU BAIRRO PADRE FARIA NÃO FAZ PARTE DA CENA TURISTICA DE OURO PRETO?

**HANSTER:** ENTÃO É ISSO MESMO PORQUE QUEM ADMINISTRA O CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO ELES SÃO DESCENDENTES DESSES QUE DE 1.700 MESMO, QUERENDO OU NÃO SÃO FAMÍLIAS OU DE TROPEIROS OU DE ENTÃO A HISTÓRIA DELES ELES ESTÃO PROLIFERANDO, E AÍ O PADRE FARIA NÉ ELE FAZ PARTE DO ARRAIAL DO BONSUCESSO SÓ QUE O PADRE FARIA MESMO EM 1700, NÃO ERA MUITO POVOADO ASSIM NÃO, DE NÃO TER MUITAS CASAS NÉ, E AÍ COMEÇA A TER PESSOAS AQUI DE NOVO MAIS OU MENOS EM 1910 QUE ESSA ÉPOCA AQUI MINHA FAMÍLIA VEM, E AI TIPO ASSIM,

**ANA ALICE:** EU SEI QUE O CAMINHO DO TRONCO COMEÇOU NO SEU BAIRRO

**HANSTER:** O CAMINHO TRONCO COMEÇA AQUI NÉ PORQUE AQUI QUE O ARRAIAL DE TODOS A PRIMEIRA IGREJA COMEÇA AQUI SÓ QUE COMO A PERIFERIA VOLTA NÉ E AÍ ASSIM O TURISTA JÁ CHEGA ALI NA PRAÇA TIRADENTES, ONDE TEM MAIS COMÉRCIO MAIS DINHEIRO EU SÓ PRECISO DE RODAR ELE AQUI E MOSTRAR TRÊS IGREJAS O MUSEU, PEGA O DINHEIRO E TCHAU, ENTÃO PELA COMERCIALIZAÇÃO DO TURISMO É QUE FOI UMA COISA PORCA E ESSE INFERORIZANDO NÃO SO O PADRE FARIA NESSE TODA O RESTO DE OURO PRETO.

VOCÊ PEGA TUDO, SÃO SEBASTIÃO, ÁGUA LIMPA, TUDO MESMO TEM HISTÓRIA, ATÉ SARAMENHA QUE É UM BAIRRO MAIS NOVO MAS TEM EXTRAÇÃO DE TOPAZIO É QUE É IMPORTANTE MAS É ISSO VAI INFERORIZANDO TUDO E TEM QUE FICAR SEMPRE NA MÃO DO MESMO GRUPINHO O DINHEIRO NÃO PODE CIRCULAR NÉ TIPO ASSIM QUANDO EU FALO QUE OURO PRETO TEM QUASE BILIONÁRIOS O

POVO FALA: CÊ TÁ DOIDO HANSTER?! TEM NEGO AI QUE TEM TEM 20 ESCRAVIZADOS ATE HOJE, ENTÃO É FODA.

ENTÃO É FICA DO MESMO JEITO, ENTÃO ELES CONTINUAM NÉ, E A HISTÓRIA DA GALERA MESMO ENTÃO ELES VÃO GANHAR DINHEIRO COM ISSO, E AÍ SE VOCÊ FOR PERTENCER LÁ É COZINHEIRO É COPEIRA É GARÇOM, ENTÃO POR ISSO O PADRE FARIA , PORQUE ELE COMEÇA A HISTÓRIA E AÍ A PARTE DE 1800 QUE FOI O AUGE DE OURO PRETO ASSIM QUE JÁ TINHA MAIS TROPEIROS MAIS ESSAS COISAS NÉ, JÁ NÃO TINHA NINGUÉM AQUI NO PADRE FARIA MAIS, ENTÃO QUANDO VOLTAM AS PESSOAS PARA CÁ, JÁ É A GALERA DA PERIFERIA ENTÃO NÉ VAMOS CONCENTRAR O DINHEIRO NA ONDE QUE FAZ DINHEIRO, ENTÃO POR ISSO QUE SAI DESSA CENAS E AÍ POR ISSO QUE A GENTE QUER RESGATAR AGORA SÓ QUE ASSIM O RESGATE NA VERDADE VAI SER COM A HISTÓRIA DE 1900 TAMBÉM ENTENDEU? PORQUE 1.900 AGORA TEM QUE FAZER PARTE DA NOSSA HISTÓRIA. É CARA, AS REFERENCIAS DOS NOSSOS PAIS NÉ, BISAVÓS, É ISSO QUE EU ACHO. (RISOS)

**ANA ALICE:** PRA FECHAR, COMO VOCÊS BUSCARIAM ESSE PERTENCIMENTO?

**HANSTER:** ENTÃO ASSIM, O PERTENCIMENTO, A BUSCA DO PERTENCIMENTO SEMPRE FOI A PERIFERIA, POR ISSO UMA OUTRA COISA BACANA, QUE VAI BUSCAR DE RAIZES. A LUTA DO ÍNDIO NO BRASIL SEMPRE FOI POR TERRA, E A LUTA DO NEGRO SEMPRE FOI DE RECONHECIMENTO MESMO TIPO EU NUNCA FUI POR TER, E SIM POR SER ACEITO NÉ, E AÍ QUANDO VOCÊ MISCIGENA AUMENTA A PERIFERIA COM A MISCIGENAÇÃO, VOCÊ VOLTA A BUSCAR IDENTIDADE MAIS AINDA PORQUE VOCÊ COLORIU NÉ, ENTÃO QUANDO TAVA SÓ O NEGRO PARA DISPUTAR COM O INDIO, VOCÊ TEM DUAS VERTENTES DE LUTA, SÓ QUE QUANDO VOCÊ COLORE MAIS O NEGÓCIO, ENTÃO VOCÊ PERDE MESMO A GALERA.

ENTÃO AÍ VOCÊ TEM UM TRABALHO BEM MAIOR E ALÉM DE TUDO ASSIM NÃO É MAIS PERTENCE A VILA RICA E SIM COMEÇAR A CONTAR HISTÓRIA BEM DA ONDE A GENTE SABE POR QUE MUDAR ESSE ÚLTIMO, ESSE ATRÁS, NÃO TEM COMO MAIS MESMO NÉ MAS VOCÊ COMEÇAR A ENALTECER DESDE A PARTE QUE VOCÊ SABE JÁ É NÉ DÁ UMA NOÇÃO DE PERTENCIMENTO ENTÃO ASSIM SE ELES VILA RICA CONSEGUIU SE COLOCAR NÉ COMO FOCO NA HISTÓRIA PORQUE NÃO FALEI HISTÓRIA DE OURO PRETO BASEADO NÉ NA HISTÓRIA DA FÁBRICA DE TECIDOS NÉ COM ESSA VINDA DESSE PESSOAL PARA CÁ.

INFERIORIZA NOSSOS ANCESTRAIS PARA A GENTE NÃO TEM UMA INSPIRAÇÃO ENTÃO POR ISSO COMEÇAR A CONTAR HISTÓRIA DE OURO PRETO PARA O OUROPRETANO NÉ COMO INSPIRAÇÃO, PORQUE AÍ ASSIM MEU FILHO ELE JÁ VAI TER UMA VISÃO DIFERENTE DE OURO PRETO E DOS ANCESTRAIS DELE A PARTIR DA MINHA BISAVÓ ENTENDEU?! QUE EU VOU CONTAR PARA ELE QUE MINHA BISAVO ERA MUITO FODA, ENTÃO É ISSO, É UM RECONTAR MESMO, A RESIGNIFICAÇÃO. ELES FALAM QUE O DIGNIFICA O HOMEM É O TRABALHO MAS NÃO, É CULTURA E LAZER. ENTÃO É NEGADO CULTURA E LAZER. ENTÃO É BASEADO NISSO, DE DEVOLVER A CULTURA E O LAZER PARA COMUNIDADE

PORQUE ELA COMEÇA ABSORVER E ENTENDA QUE ELA É IMPORTANTE QUE PRECISE DELA.

FALAMOS O NOME DE OURO PRETO NÉ MAS VIVEMOS VILA RICA, ENTÃO TEM QUE TER UMA POLÍTICA PÚBLICA DE OURO PRETO PARA OURO PRETO, NÃO DÁ MAIS PARA VILA RICA PARA OURO PRETO É E OUTRAS COISAS SÃO OUTRAS DORES NÉ OUTRAS ÁGUAS, ENTÃO É ISSO EU ACHO. (RISOS)

**ANA ALICE:** SABE QUANDO UMA CONVERSA É ESCLARECEDORA? FOI ESSA QUE TIVEMOS HOJE, NÃO SO PARA UM TRABALHO ACADEMIVO, MAS TAMBEM PRAS PESSOAS VEREM A REALIDADE POR TRAS DE TODA HISTORICIDADE CONSTRUIDA NA CIDADE DE OURO PRETO, QUE SUA COMUNIDADE ESTÃ REALMENTE FORA DESSE NÚCLEO, E É UMA LUTA DIARIA PARA CONSEGUIR UM ESPAÇO EM SEU PROPRIO LUGAR. MUITO OBRIGADO PELO BATE PAPO HANSTER, TE AGRADEÇO DE CORAÇÃO MESMO E ASSIM QUE EU SOUBER O DIA DA MINHA DEFESA EU TE AVISO PRA QUE VOCÊ TAMBEM PARTICIPE. BOA NOITE E UM ABRAÇO.

**HANSTER:** BOA NOITE ANA, SEMPRE QUE PRECISAR TO AQUI, E SERÁ UM PRAZER TA COM VOCÊ E VER QUE FUI RELEVANTE.